



Universidade Federal da Bahia



FCCC55 Metodologia do Ensino a Distância

Inês Teresa Lyra Gaspar da Costa

Universidade Federal da Bahia

METODOLOGIA DO ENSINO A DISTÂNCIA

Prof^a. Inês Teresa Lyra Gaspar da Costa

Salvador

2016

Universidade Federal da Bahia

METODOLOGIA DO ENSINO A DISTÂNCIA

Prof^a. Inês Teresa Lyra Gaspar da Costa

Salvador

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor: João Carlos Salles Pires da Silva

Vice-Reitoria

Vice-Reitor: Paulo César Miguez de Oliveira

Pró-Reitoria de Ensino de Graduação

Pró-Reitor: Penildon Silva Filho

Faculdade de Ciências Contábeis

Diretor: Prof. Josélton Silveira da Rocha

Superintendência de Educação a

Distância -SEAD

Superintendente: Márcia Tereza Rebouças

Rangel

Coordenação de Tecnologias Educacionais
CTE-SEAD

Haenz Gutierrez Quintana

Coordenação Administrativa CAD-SEAD

Sofia Souza

Coordenação de Design Educacional
CDE-SEAD

Lanara Souza

Bacharelado em Ciências Contábeis EaD,

Coordenadora:

Profª Inês Teresa Lyra Gaspar da Costa

Produção de Material Didático

Coordenação de Tecnologias Educacionais
CTE-SEAD

NELT/UFBA

Núcleo de Estudos de Linguagens &
Tecnologias

Direção geral

Prof. Haenz Gutierrez Quintana

Projeto gráfico

Prof. Haenz Gutierrez Quintana

Foto de capa

Pixabay

Equipe Design

Editoração / Ilustração

Tiago Silva dos Santos

Letícia Rodrigues

Marcone Pereira

Equipe Audiovisual

Direção:

Prof. Haenz Gutierrez Quintana

Coordenação de estúdio:

Maria Christina Souza

Produção:

Letícia Moreira de Oliveira

Lana Denovaro Scott

Câmera / Iluminação

Maria Christina Souza;

Thiago Andrade Santos

Edição:

Franklin Matos Junior.

Imagens de cobertura:

Maria Christina Souza;

Thiago Andrade Santos;

Jeferson Alan Ferreira;

Michaela Janson.

Animação e videografismos:

Thiago Andrade Santos

Trilha Sonora:

Lana Denovaro Scott

UAB - UFBA

Esta obra está sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0: esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.



Licença Creative Commons
(CC BY-NC-SA 4.0)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa
SIBI - UFBA

Costa, Inês Teresa Lyra Gaspar da

C837 Metodologia do ensino a distância / Inês Teresa Lyra Gaspar da.
Costa: - Salvador: UFBA, 2016
106 p. il.

ISBN: 978 85 8292 094 7

1.Ensino superior. 2.Ensino a distância - Metodologia.3.Educação a
distância. I. Costa, Inês Teresa Lyra Gaspar da. II.Título.

CDD 378.81

Sumário

1 - EaD: CONCEITOS E CONTRIBUIÇÕES	8
1.1 A Contribuição da EaD para a Sociedade do Conhecimento	8
1.1.1 O ambiente da globalização	8
1.1.2 A construção do conhecimento na sociedade contemporânea	10
1.1.3 A EAD contextualizada	12
1.2 A modalidade EaD	16
1.2.1 Histórico / Legislação	16
1.2.2 As principais concepções teóricas	20
1.2.3 As gerações de EAD	26
1.3 O papel da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC's)	31
1.3.1 As tecnologias da informação na Educação	31
1.3.2 O impacto da Internet na construção do conhecimento	34
1.3.3 As plataformas do Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA	37
1.4 Limites e Potencialidades da EaD	40
1.4.1 Enumerando as vantagens	40
1.4.2 Superando os desafios	42
1.4.3 Para refletir à guisa de conclusão	45
2 – O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM EaD	47
2.1 - A lógica do ensinar e aprender	47
2.1.1 Breve resgate das concepções teóricas	47
2.1.2 A linguagem como principal ferramenta	50
2.1.3 Do Interacionismo às comunidades de aprendizagem	52
2.2 O papel do professor	55
2.2.1 As novas competências	55

2.2.2 O professor EAD e os novos espaços de aprendizagem	58
2.2.3 A relação professor-aluno	60
2.3 A tutoria em EaD	63
2.3.1 O trabalho do tutor na EAD	63
2.3.2 Competências, habilidades e atitudes desejadas ao tutor	66
2.3.3 A importância da presencialidade (acolhimento x evasão)	68
2.4 – O papel do aluno	72
2.4.1 Autonomia (comprometimento e disciplina)	72
2.4.2 Comunicação /Reflexão	75
2.4.3 Construção coletiva do conhecimento	77
3 – A EaD NA PRÁTICA: O FUNCIONAMENTO DO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA)	81
3.1 O ambiente Virtual de Aprendizagem- MOODLE/UFBA	81
3.1.1 A pedagogia no MOODLE	81
3.1.2 As funcionalidades do MOODLE	85
3.2 Planejando seus estudos	88
3.2.1 A importância da organização	88
3.2.2 Planejando o tempo de estudo	90
3.2.3 Elaborando um Cronograma	101
REFERÊNCIAS	104

Mini Currículo do professor

A Prof.^a Inês Gaspar da Costa é Mestre em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social pela Fundação Visconde de Cairú (2006), é Bacharel em ECONOMIA pela Faculdade de Economia e Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1976). É professora da Faculdade de Ciência Contábeis (FCC) da UFBA desde 2011, atuando nas disciplinas de Macroeconomia, Economia das Organizações e Liderança Situacional. Participante do grupo de pesquisa do CNPQ/ UFBA/FCC lotada na linha de Pesquisa Inovação em Contabilidade e Controladoria. Possui especialização em Metodologia do Ensino e Pesquisa pela UNEB e em Educação a Distância pelo SENAC. Tem experiência como coordenadora de cursos a distância, como professora conteudista, como professora EaD e como tutora há 8 anos em instituições públicas e privadas.



Carta de apresentação da disciplina

Caro(a) estudante,

Começamos esta apresentação formulando alguns questionamentos instigantes: Educação a Distância (EAD) isola o professor do aluno? A proposta da EAD em nada difere da metodologia de ensino presencial? As modernas tecnologias a distância tornam o educando passivo? São várias questões que nos fazem refletir sobre esta nova forma de educar. E é sobre este tema que iremos discutir nesta disciplina.

Sabemos que os desafios educacionais por que passa a sociedade brasileira são muito grandes e a Educação a Distância tem sido encarada não apenas como um meio, uma nova tecnologia, mas uma nova modalidade de ensino que enseja a ruptura do processo tradicional de ensino - aprendizagem.

A disciplina Metodologia do Ensino a Distância centraliza suas questões na discussão consciente do papel da EAD na nova sociedade do conhecimento, também conhecida como pós-moderna, capaz de cumprir ou não os grandes desafios da educação brasileira.

O conteúdo programático da disciplina está organizado em três unidades, que por sua vez estão subdivididas de 2 a 4 temas, conforme apresentado no sumário.

De um modo geral, a dinâmica dos estudos contemplará discussões nos fóruns temáticos no Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA em cada uma das semanas previstas no cronograma do curso, tendo como referência as propostas de discussão contempladas ao final de cada tema. Bons estudos a todas e a todos!

Prof.^a Inês Teresa Lyra Gaspar da Costa.

UNIDADE TEMÁTICA

Conceitos e contribuições

CAP 1

UNIDADE TEMÁTICA 1

EAD: CONCEITOS E CONTRIBUIÇÕES

A Primeira unidade de nossa disciplina pretende apresentar a Educação no contexto da Globalização, trazendo à discussão, os conceitos, as TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) e os desafios e potencialidades da Educação a Distância como modalidade de construção do conhecimento.

1.1 A Contribuição da EAD para a Sociedade do Conhecimento

O primeiro tema da primeira Unidade de nossa disciplina tem como objetivo apresentar a inserção da Educação a Distância no contexto do processo educacional brasileiro discutindo sua importância para a construção do saber na sociedade do conhecimento.

1.1.1 O ambiente da globalização

Durante a primeira metade do século XX, mais precisamente após a grande depressão, na década de 1930 – primeira grande crise do capitalismo em escala mundial – o Estado participava diretamente da geração do produto das economias ocidentais. Esta arquitetura intervencionista ficou conhecida como o modelo de desenvolvimento de *Welfare State* ou Estado Previdência. Naquele modelo, diferentemente do que estamos vivenciando agora (neoliberalismo) existia um fundo público que ao mesmo tempo em que financiava as expansões de capital – os investimentos privados – também financiava a força de trabalho através dos gastos sociais: educação, saúde, previdência. Essa engrenagem financeira deu fôlego à realização dos lucros ao propiciar a formação de um mercado de massa. Foi assim nos EUA, na Europa e no Brasil. (BENKO, 1995).

O esgotamento do processo de acumulação do capital, no início da década de 70, no mundo, e nos anos 90 para o Brasil, minguiu o fundo público, ao mesmo tempo em que a inovação tecnológica se desenvolvia em progressão geométrica. Nesse novo modelo, que teve por base a política do Estado Mínimo, o setor capitalista produtivo sai ganhando na disputa pelo fundo público para financiar o crescimento econômico. Os cortes orçamentários atingem preponderantemente os serviços ditos estritamente sociais ou de responsabilidade pública, tais como educação, saúde, previdência e assistência social. (BENKO, 1995).

Com a crise de superprodução que eclodia no início dos anos 70 fez-se necessário ao capitalismo reinventar novas formas de sobreviver. Esse caminho foi perseguido aliado ao que se chamou de terceira revolução industrial, baseada na microeletrônica, que possibilitou a flexibilização da estrutura produtiva substituindo-se a economia de escala, calcada em grandes plantas industriais, em economia de escopo, em estruturas flexíveis e dinâmicas de produção (BENKO, 1995).

As inovações tecnológicas trazem sérios problemas em relação à dinâmica social. Na busca de vantagens competitivas no mercado internacional, os investimentos têm sido orientados, cada vez mais, para o uso de tecnologias que dispensam mão-de-obra, gerando desemprego. O desemprego, por sua vez, tem sido apontado como um dos determinantes de redução dos recursos investidos nas políticas sociais, o que contribui, ainda mais, para a deterioração das condições de vida da população. (CORREIA, 2007)

Este novo paradigma, que ora estamos a vivenciar, demandou profunda alteração no âmbito educacional vez que o mercado de trabalho tratou de exigir um profissional também flexível, moderno, articulado com o dinamismo advindo da revolução da microeletrônica, que permitisse às empresas manterem sua vantagem competitiva num mercado cada vez mais globalizado e dinâmico. Crê-se, portanto, que a aquisição e a renovação do conhecimento, dentro da nova lógica de acumulação capitalista, são imprescindíveis para que o indivíduo se mantenha incluso socialmente.



Reflexão

A revolução da microeletrônica nos anos 70 afetou substancialmente a perspectiva de algumas ciências. A certeza é substituída pelo risco e pela insegurança e a educação continuada vem sendo a saída para enfrentar o desafio do acirramento da competitividade.

1.1.2 A construção do conhecimento na sociedade contemporânea.

Contudo, o termo Educação que, histórica e conceitualmente, possui um significado de formação integral e humanista do homem, busca do saber, reflexão, criação e crítica, podem, contudo, estar assumindo outra conotação, mais no sentido de treinamento, conhecimento rápido e fugaz, pronto e acabado com vistas a atender a esta nova dinâmica da acumulação do capital, gerando, assim, uma forte contradição entre educação e treinamento. É como se a educação viesse perdendo a sua dimensão como um bem de uso e consolidando-se cada vez mais como um bem de troca.

Cabe aqui comentar o papel do docente nesse processo. Trabalhar com o conhecimento implica que “não se perca a capacidade de indigna-se, de problematizar e de procurar saídas para os problemas” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p.78). Significa que o professor, enquanto mediador que provoca reflexão tem a obrigação de provocar a reflexão crítica, seja na modalidade presencial de educação seja na Educação a Distância. Segundo Nóvoa (apud PIMENTA; ANASTASIOU, 2002) essa não é uma tarefa fácil, vez que a metodologia que rege a maioria das instituições de ensino superior privilegia “processos de planejamento, execução e avaliação das atividades de forma individualista e solitária” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 113). Enfim, o grande desafio para a formação da identidade do docente significa quebrar as barreiras da supremacia da racionalidade técnica – o dilema entre ser a universidade uma instituição social ou uma organização, nos moldes neoliberais – utilizada como modelo básico de atuação dos docentes.

De mais a mais, nunca é demais lembrar o papel que o planejamento dos conteúdos e do docente, criativo, inovador, provocador, que busque a quebra do paradigma da educação presencial, calcada na concepção bancária da educação, ou seja, de que o “conhecimento é algo pronto e acabado, a ser apreendido através da memorização e da reprodução

de conceitos ditados pelo professor”. (SACRAMENTO E SONNEVILLE, 2005, p.4). Esta é uma exigência, acreditamos que deva ser perseguida não só pela docência a distância, mas também pela presencial, atendendo aos preceitos da educação continuada a que se referiram as professoras Pimenta e Anastasiou.



Reflexão

“trabalhar com o conhecimento implica que não se perca a capacidade de indignar-se, de problematizar e de procurar saídas para os problemas”. Então, alunos, construir conhecimento vai além de transmitir conhecimento. Construir, tem como base a reflexão e o questionamento: Por que é assim?

Tomando emprestado a definição das autoras Pimenta e Anastasiou (2002), entende-se por educação um processo de humanização que permite a inserção dos seres humanos na sociedade por intermédio da reflexão, do conhecimento, da análise da contextualização, da compreensão, do desenvolvimento de habilidades e atitudes.



Questionamentos

Tal definição suscita, a nosso ver, dois questionamentos básicos:

1. No Brasil todos os seres humanos que aqui residem estariam inseridos nesse processo?
2. Os seres humanos inseridos nesse processo recebem uma educação que os leva à reflexão e à compreensão dos conteúdos dentro dos contextos de sua vida, ou seja, de sua realidade cultural?

No primeiro caso, o posicionamento do professor Gaudêncio Frigotto (2000) é bastante lúcido ao mostrar que 350 anos de escravismo e os 150 anos de república, esta pouca

característica democrática, fez da educação brasileira um processo dual, portanto excludente, para a grande maioria da população de baixa renda e seletivo, por direcionar seu conteúdo à subordinação do mercado de trabalho.

Quanto ao segundo questionamento, a lógica da educação nos últimos 50 anos veio servindo, e cada vez mais, à busca da educação profissional, preparando o homem para o mercado de trabalho, cada vez mais competitivo, no atual momento da globalização. Destarte, e talvez, na maioria das vezes, se perdendo de seu propósito primeiro, qual seja o da formação integral e significativa do indivíduo aprendente.

1.1.3 A EaD contextualizada

A mudança do paradigma econômico, com a globalização, afetou a educação por entender que mais recursos tecnológicos, a marca do progresso desta atual era em que vivemos, significaria melhor aprendizagem. Mas que tipo de aprendizagem, a aprendizagem educacional ou instrumental? Por isso, devemos nos inquietar e refletir sobre o real papel da Educação a Distância que, de certo, se propõe a ser muito mais novo modelo de ensino do que apenas mais um instrumento educacional, do que um novo modelo de ensino.

São muitos os desafios que a EAD deverá superar. A começar com alguns questionamentos básicos: Será que o desafio da Universalização poderia ser cumprido por esta nova alternativa de ensino? Esta nova modalidade não aprofundaria ainda mais o dualismo a que Frigotto (2000) se referiu? E se mesmo que todos os lares ou municípios fossem providos materialmente para acesso à rede, a educação, ainda assim não seria seletiva?

Há quem trabalhe no sentido de buscar “lucrar” com a privatização do ensino em massa. Há também educadores sérios que pensam a EAD com desafios cognitivos, como levantado por Edith Litwin (2001), na forma de uma proposta didática mais comprometida com o conceito fundamental da educação que leve à reflexão do conteúdo ensinado. Mais tecnologia não é sinônimo de garantia de aprendizagem. O grande desafio da EAD é, portanto, o de romper com o paradigma bancário e caminhar para a hipertextualidade, e isto implica em provocar um novo processo de aculturação.

Alguns autores, como Pierre Lévy (1998), numa posição otimista, consideram a Sociedade da Informação como a possibilidade de concretização da tecnodemocracia, na qual o peão de fábrica e o empresário estariam em pé de igualdade, acessando informações no ciberespaço. Muitos profissionais da educação compartilham desse ponto de vista e, de forma acrítica, consideram as novas tecnologias como panaceia para a solução dos

problemas educacionais, porque acreditam que basta garantir o acesso às tecnologias para que todos os problemas educacionais estejam resolvidos. (CORREIA, 2007).



Ilustração: Leticia Rodrigues

No outro extremo, temos autores como Nicolas Negroponte que – numa posição de total aversão às inovações tecnológicas – consideram a Sociedade da Informação a consumação do totalitarismo, devido ao controle dos processos de produção e distribuição da informação, o que ocasiona a supremacia de uma determinada fonte de informação sobre as demais. Esta concepção também encontra ressonância no campo educativo, na medida em que considera a tecnologia a causa da desumanização das relações pedagógicas. (CORREIA, 2008).

Parte-se da perspectiva de que tanto uma (a favor) quanto outra (contra) posição consideram a tecnologia apenas como um artefato, como uma ferramenta, e dessa forma não apreendem o processo educacional e organizacional inerente ao uso de cada tipo de recurso tecnológico. Consideramos que só uma posição crítica nos permite a utilização dos recursos tecnológicos como parte integrante do processo ensino-aprendizagem. (CORREIA, J., 2007, p.14).



Reflexão

Consideramos que só uma posição crítica nos permite a utilização dos recursos tecnológicos como parte integrante do processo ensino-aprendizagem.

Para finalizar este primeiro tema introdutório ao estudo da Metodologia EAD deixamos uma contribuição de Agneta da Silva Giusta (2003) sobre o Relatório da Unesco: Educação para o século XXI, refletindo sobre os 4 pilares que devem nortear a educação mundial: “ aprender a conhecer”, “ aprender a fazer”, “ aprender a conviver”, “ aprender a ser” (ver Tabela 1). O primeiro deles nos remete à função da educação para suscitar o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir, ou seja, de aprender a aprender, ressaltando a função cognoscitiva da educação. O segundo revela a sua função instrumental: mobilização das capacitações, de natureza mais intelectual, contrapondo-se à mera ideia de treinamento para execução de tarefas específicas. O terceiro pilar, aprender a conviver, demonstra a preocupação de se fazer uma educação mais aberta ao diálogo e ao desenvolvimento do espírito crítico e o último pilar, aprender a ser, diz respeito ao desenvolvimento humanístico que a educação deve se propor, do desenvolvimento do homem integral, enquanto ser, capaz de formar juízos de valor, tomar decisões baseadas em princípios éticos e sensíveis, ou seja, trata-se do próprio desenvolvimento ontológico do ser humano.

Pilares da Educação	UNESCO DELLORS (1996)	EaD
APRENDER A CONHECER	Significa muito mais o domínio dos instrumentos do conhecimento do que a aquisição de um repertório de saberes; implica também o 'aprender a aprender', pois diz respeito ao desenvolvimento do desejo e das capacidades de aprender.	A EaD prega que nenhum ser é capaz de dar conta da infinidade de informações que circulam, hoje, no mundo. Por isso mesmo, está pautada na reflexão sobre as informações e não na aquisição delas. Trabalha sob a ótica da ressignificação de conteúdos e, com isso, na produção de conhecimento. Este conhecimento é mediado pelas TICs, que são instrumentos de acesso às informações.
APRENDER A FAZER	Significa muito mais que adquirir uma qualificação profissional, mas de desenvolver competências que tornem a pessoa apta a enfrentar situações diversas e a trabalhar em equipe.	A dinâmica da EaD prepara o aluno para a realidade profissional, na medida em que o coloca em diversas situações-problemas, como o estudo de caso, análise de fatos reais, discussões com os colegas, desenvolvendo nele a capacidade de gerenciar essas situações e saber discuti-las e resolvê-las em equipe.
APRENDER A CONVIVER	Significa compreender o outro, aceitar e conviver com as diferenças, respeitar o pluralismo; realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos.	A cooperação, a colaboração são vitais ao bom andamento de um curso na modalidade EaD. A noção de construir conhecimento JUNTOS, de refletir em conjunto, faz com que as pessoas envolvidas neste processo desenvolvam a habilidade de lidar com o outro (colegas e tutores).
APRENDER A SER	Desenvolver sua personalidade agindo com autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal; a educação como instrumento de formação integral do indivíduo.	O desenvolvimento da autonomia do estudante é essencial para o bom andamento de um curso de EAD. É necessária para o estudante dê continuidade aos seus estudos e garanta pleno êxito em qualquer área, já que domina o 'aprender a aprender'.

Tabela 1: Os pilares da educação

Ilustração: Letícia Rodrigues

Síntese: O tema 1.1 A Contribuição da EAD para a Sociedade do Conhecimento abordou sinteticamente o papel da Educação a Distância, não como mais um ferramental educacional, mas um novo projeto político de Educação, em que a capacidade de nos posicionarmos criticamente é que nos permitirá utilizar os recursos tecnológicos como parte integrante do processo ensino-aprendizagem.



Atividade

Com base nos 4 pilares essenciais, segundo a Unesco, sobre um novo conceito de educação, reflita se sua aplicabilidade é consistente com a proposta de EaD. Apresente sua resposta conforme solicitado no AVA.



Sessão pipoca

Assistir ao vídeo 1 Interatividade encurta a distância, disponível no AVA e destaque pontos interessantes para discutir conforme solicitado no AVA.

1.2 A modalidade Educação a Distância (EaD)

O segundo tema da primeira unidade de nossa disciplina tem como objetivo apresentar a legislação brasileira que regulamenta o ensino a distância no Brasil, as diferentes concepções teóricas sobre a EAD e as gerações de EAD que a história da educação já experimentou.

1.2.1 Histórico/ Legislação

Objetivando ampliar a oferta de cursos superiores e democratizar o acesso ao ensino nos lugares mais recônditos do Brasil, o MEC, em diferentes momentos, interessou-se pela criação de uma política de EAD. Com esse objetivo, considerava-se grande o potencial

relativo ao parque editorial, às redes e emissoras de rádio e TV, e aos sistemas de comunicação postal, telefônica, via satélite e digital. Desde o início, houve preocupação em se levar mensagens pedagógicas aos contingentes desfavorecidos da sociedade brasileira, entendendo-se que a EAD poderia oferecer as condições necessárias para disseminar o ensino num país de dimensões continentais, com notórias desigualdades sociais e carente da ampliação das ofertas educacionais. Para isso, entretanto, não bastavam preceitos constitucionais, sendo necessário comprometimento social com a democratização do ensino e a tomada de decisões políticas. (CORREIA, 2008).



Ilustração: Letícia Rodrigues

Desde a Lei n.º 5.692/71 já se propunha a utilização de rádio, TV, correspondência para atingir um maior número de alunos. Niskier (1999, apud Correia, 2007), contudo, aponta para sua descontinuidade a partir de 1990, mas seus esforços foram retomados pela LDB n.º 9.394/96. Os antigos cursos de alfabetização de jovens e adultos – com utilização de materiais de áudio e vídeo – foram assumidos pela Fundação Educar. Projetos aprovados pelo Grupo de Trabalho do Inep, e não implementados, têm sido recuperados pela Rede Futura, pelo Senai e pelo Sesi, com os recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador. (CORREIA, 2007)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n.º 9.394, de 20/12/1996, no seu art. 80, atribui ao poder público o papel de “incentivar o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades, e de educação continuada”. Com isto, o sistema de ensino brasileiro ganha maior flexibilidade para a criação de novas metodologias de cursos, e as questões relativas à EAD passam a ter maior visibilidade.

O Decreto-Lei n.º 2.494, de 10/2/1998, aborda a Educação a Distância como uma possibilidade de flexibilização de requisitos para admissão, horários e duração de cursos. O decreto conceitua EAD como:

Art.º 1 Educação a Distância é uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação. (Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2494.pdf>)

O mesmo decreto também identifica os níveis de ensino que poderão se estruturar na modalidade de EAD e aqueles que ainda deverão receber regulamentação própria. O Decreto-Lei n.º 2.494 ainda apresenta alternativas diferenciadas de flexibilidade de requisitos para admissão no sistema educacional. (CORREIA, 2007). Correia (2007) ainda pontua sobre as matrículas e validação dos cursos de EAD, sendo que os alunos serão avaliados mediante a realização de exames presenciais, efetivados por instituições credenciadas e especializadas.

A introdução de disciplinas não presenciais no currículo do ensino superior, regulamentada pela Portaria nº 2.253/2001, possibilitou repensar a EAD não como uma modalidade apartada da presencial, mas como uma “estratégia na construção de uma educação de qualidade” (COREIA, J.,2008).

Mais recentemente, a partir dos anos 2000, merece destaque o Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005 que regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional envolvendo, dentre outros assuntos, a obrigatoriedade de momentos presenciais para: avaliações, estágio, defesa de trabalhos de conclusão de curso e atividades relacionadas a laboratórios de ensino. Vale a pena dissertar sobre o Art. 2º deste decreto que determina os níveis e modalidades educacionais em que a EAD poderá ser ofertada: I – educação básica, II – educação de jovens e adultos; III – educação especial, respeitadas as especificidades legais pertinentes; IV – educação profissional: técnicos e tecnólogos; V – educação superior, abrangendo os seguintes cursos e programas: a) sequenciais; b) de graduação; c) de especialização; d) de mestrado; e) de doutorado. No primeiro parágrafo de seu art. 3º o referido decreto pontua que os cursos e programas a distância deverão ser projetados com a mesma duração definida para os respectivos cursos na modalidade presencial. O decreto em discussão revogou o decreto anteriormente apresentado (Decreto-Lei n.º 2.494, de 10/2/1998).



Sabendo um pouco mais

Não deixe de consultar / ler o Decreto nº 2.494 em sua íntegra, acesse:
<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2494.pdf>

Veja também os principais instrumentos regulatórios em vigor no País. Eles estão disponíveis no sítio eletrônico do Ministério da Educação (MEC) que rege as ações educacionais formais oferecidas na modalidade a distância. Vamos até lá!

Leis: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Decretos: Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005 / Decreto nº 5.773, de 9 de Maio de 2006 / Decreto nº 5.800, de 8 junho de 2006

Portarias: Portaria MEC nº 301, de 7 de abril de 1998 / Portaria MEC nº 335, de 6 de fevereiro de 2002 / Portaria MEC nº 695, de 2004 / Portaria MEC nº 4.059, de 10 dezembro de 2004 / Portaria MEC nº 4.361, de 29 de dezembro de 2004 / Portaria nº 4.363, de 29 de 1 dezembro de 2004

Resoluções: Resolução CNE/CES nº 01, de 3 de abril de 2001

Pareceres: Parecer CNE/CEB nº 41/2002

Referenciais: Referenciais de Qualidade do MEC

Em linhas gerais, podemos resumir a regulamentação para a EAD no Brasil, conforme se segue:

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional): Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005: Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, ou seja, as questões específicas afetas à Educação a Distância.



As principais legislações sobre EaD

ATENÇÃO: Principais legislações sobre EAD:

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005.

Visite a página do MEC ou acesse:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm

http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec_5622.pdf

1.2.2. As principais concepções teóricas

Há uma clara divisão de pensamento entre a abordagem conceitual de alguns autores sobre a definição de Educação a Distância. Um primeiro grupo, cujas formulações foram desenvolvidas entre 1972-1987, trata de conceituar a EAD fazendo um contraponto com a educação presencial. Assim, percebe-se que seus conceitos estão preocupados em pontuar a separação entre docentes e discentes e a importância do individualismo da aprendizagem. Senão vejamos:

1. Moore (1972): “Método de instrução em que os procedimentos docentes acontecem à parte dos procedimentos discentes, de tal modo que a comunicação entre professor e aluno possa se realizar através de textos impressos, meios eletrônicos, mecânicos, ou outras técnicas”.
2. Sarramona (1987): “Sistema didático em que os procedimentos docentes acontecem à parte dos procedimentos discentes... A comunicação fica retardada no tempo, no espaço ou em ambas”.
3. Zamora (1981): “Formas de estudo não controladas pelo professor... Cabe ao aluno a responsabilidade pela realização de seus estudos. ”
4. Martinez (1985): “Estratégia para operacionalizar a educação permanente e aberta. O aluno é o protagonista de sua própria aprendizagem.”
5. Garcia Aretio (1987): Sistema Tecnológico bidirecional que substitui a interação pessoal. A aprendizagem é autônoma.

6. Otto Peters (1987): EAD é um método de distribuir conhecimento, habilidade, atitude, mediante aplicação da divisão do trabalho e de princípios organizacionais. É uma forma industrial de ensinar e aprender.

Já as posições de Belloni (1989) e de Holmberg (1985) destacam a importância do diálogo e da reflexão para que a EAD se consubstancie num método de ensino completo.

As conceituações de EaD se ampliaram à medida que foram incorporando os referenciais das teorias construtivistas, da abordagem reflexiva, dialógica e da educação de adultos, o que nos permite vislumbrar uma tendência de a tecnologia educacional evoluir para uma concepção mais ampla de comunicação educacional (BELLONI, 2001, p. 34).

Contudo, a definição que parece ser a que melhor se aproxima do conceito moderno do que seja Educação a Distância é a da professora Edith Litwin (2001). Para ela, EAD é uma modalidade de ensino com características específicas que “substitui a proposta de assistência regular à aula por uma nova proposta, na qual os docentes ensinam e os alunos aprendem mediante situações não convencionais, ou seja, em espaços e tempos que não compartilham” (p.13).

A autora chama atenção de que as novas tecnologias vieram para resolver o principal problema da educação a distância: falta de interatividade. Entretanto mais tecnologia não garante a qualidade da proposta. Portanto, destaca que os materiais instrucionais não seriam autossuficientes e que, portanto, a EAD precisa ter uma proposta didática muito mais bem elaborada e comprometida com o processo ensino-aprendizagem que na educação convencional. Autonomia do ensino não significa autodidatismo. Por fim, destaca que os desafios da EAD estão em criar propostas que fomentem a solidariedade e a participação e não o isolamento do aluno.

A respeito do sentido da autonomia revelado pela autora merece ser compartilhada a citação da prof.^a Nícia Cristina Rocha Riccio em sua tese: Ambientes Virtuais de Aprendizagem na UFBA: a autonomia como possibilidade (2010). Conforme a professora revela:

...esta última (*autonomia*) compreendida como o assumir-se a si próprio como sujeito de sua história, sempre na dependência do meio social e, portanto, dependente também da autonomia coletiva, já que a ausência desta limitaria a autonomia individual. A relação da autonomia, assim compreendida, com a cibercultura é estabelecida pelo

potencial de autoria e colaboração fomentado pela presença das tecnologias de informação e comunicação de base telemática, compreendidas como estruturantes do agir e do pensar na sociedade contemporânea. (RICCIO, 2010)

Assim, ousaríamos construir a nossa própria definição: EAD é uma **modalidade** de ensino cujo objetivo é fornecer uma educação **aberta e permanente** através da **superação das distâncias** entre docentes e alunos via situações não convencionais, ou seja, em espaços e tempos que não compartilham utilizando-se de **novas tecnologias que integrem, interajam e promovam a interatividade** entre alunos e entre estes e os professores. O diálogo e a reflexão são, portanto, de suma importância para que a EAD se consubstancie como modalidade de ensino-aprendizagem eficaz.

Aprofundando nas características da EAD, Edith Litwin (2001) em seu artigo “Das Tradições à Virtualidade” examina o papel da mediatização por meio das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) entre professores e alunos numa relação biunívoca de forma a possibilitar a construção do conhecimento. A proposta pedagógica declarada por esta educadora supera a tradicional didática bancária, linear, onde professor, dono do saber, transmite aos alunos o conhecimento. Relembrando nosso saudoso Paulo Freire, que já se opunha à educação bancária como melhor didática do processo ensino-aprendizagem, a EAD veio reforçar a própria tese de Freire ao destacar a importância do diálogo, da mediação interacionista para a construção do conhecimento.

O traço distintivo da modalidade consiste na mediatização das relações entre os docentes e os alunos. Isso significa, de modo essencial, substituir a proposta de assistência regular à aula por uma nova proposta, na qual os docentes ensinam e os alunos aprendem mediante situações não convencionais, ou seja, em espaços e tempos que não compartilham. (LITWIN, 2001, p.13)

Avançando em seus conceitos, a EAD é pautada por uma peculiar diferença com relação abordagem tradicional: a flexibilidade. Esta característica, própria da Educação a Distância, permite o uso do tempo e do espaço de forma aberta liberando o aluno da rigidez dos modelos tradicionais de ensino. Contudo, esta flexibilização – fruto mesmo da característica socioeconômica de nosso contexto – implica em uma organização e disciplinamento muito maiores para não perder a consistência da proposta pedagógica. Litwin (2001, p.14) é exemplar em suas conclusões. “Isso quer dizer que as propostas de implementação não respondem a um modelo rígido, mas exigem uma organização que permita ajustar de forma permanente as estratégias desenvolvidas...”.

Sob este aspecto recorre-se à necessidade de se ter, como um traço marcante desta modalidade de ensino, ágeis mecanismos organizacionais e administrativos, tais como: eficácia da inscrição; distribuição eficiente dos materiais de estudo; informação precisa, atenção e orientação aos alunos, tanto no período inicial do estudo como no seu transcurso, que minimizem as barreiras burocráticas do ensino convencional. (LITWIN, 2001, p.14)

Flexibilidade não significa, igualmente, liberdade sem responsabilidade por parte do aluno, nem mesmo conduz a uma proposta de autodidatismo. O perfil do educando para esta nova modalidade de ensino está na sua capacidade de se autodisciplinar. Requer uma disposição para estudo e interação peculiares, reservando seu melhor horário para se aprofundar nas discussões, leituras e reflexões, compartilhando com os demais colegas. O autodidatismo já foi uma proposta contida nas primeiras gerações de EAD, onde o material impresso distribuído pelos correios ou a relação unívoca via rádio e televisão tinham por princípio o modelo autodidata.



Reflexão

O autodidatismo já foi uma proposta contida nas primeiras gerações de EAD, onde o material impresso distribuído pelos correios ou a relação unívoca via rádio e televisão tinham por princípio o modelo autodidata.

Várias correntes de pensamento vieram a se transformar com o advento das TIC e principalmente da internet. A construção do conhecimento não se faz de forma individual, mas por meio da coletividade, da partilha entre os saberes. E é desta forma que os modernos pensadores desta nova modalidade de ensino visualizam a proposta da EAD. Nos dizeres da professora Litwin, a respeito do autodidatismo.

A criação de materiais de ensino para cada um dos programas ou projetos alimentou a ideia de que esse ato implica a elaboração de materiais autossuficientes para gerar uma proposta de aprendizagem. Se os materiais substituem as aulas convencionais e estas nunca são suficientes para assegurar o êxito da aprendizagem, é difícil que um material o assegure. (LITWIN, 2001 p.14)

Adicionalmente, é bastante polêmico o papel das tecnologias no processo ensino-aprendizagem. A existência por si só de um aparato maquínico – seja ele o rádio, a televisão e modernamente a internet – não assegura o sucesso do processo ensino-aprendizagem, mas a proposta pedagógica que está por trás da utilização das tecnologias. De fato, de nada adianta existir moderna disponibilidade a acessos multimidiáticos se não há instigação por parte do professor na busca pela informação e posterior construção coletiva do conhecimento. Ou seja, se não há uma proposta pedagógica que inclua este princípio básico: o do construtivismo. A tecnologia em rede é uma ferramenta fabulosa de ensino que precisa ser utilizada extraindo todas as suas potencialidades. Mas é necessário que a proposta pedagógica abranja práticas que incentivem a construção de artigos e textos coletivos, discussões em grupo, debates e reflexões. As plataformas disponíveis, *MOODLE*, *teleduc*, *dokeos* e outros incorporam ferramentas de mediações assíncronas (fóruns e wikis, por exemplo) que podem e devem ser exploradas com vistas à construção do conhecimento coletivo.

As modernas tecnologias resolvem o problema crucial da Educação a Distância, que é a interatividade. Desenvolveram-se variadíssimas alternativas que permitem aos usuários fazer consultas com especialistas, bem como intercambiar opiniões, problemas ou propostas com outros usuários; ao mesmo tempo, eles aprendem a utilizar programas que atualizam a informação de maneira constante. (LITWIN, 2001, p.17).



Reflexão

Ao ter lido: “A existência por si só de um aparato maquínico – seja ele o rádio, a televisão e modernamente a internet – não assegura o sucesso do processo ensino-aprendizagem, mas a proposta pedagógica que está por trás da utilização das tecnologias” que ponderações você fez? Você concorda com esta afirmação?

Por outro lado, ressalta a professora Litwin (2001 p.17), “as peculiaridades do suporte tecnológico também permitem gerar atividades cognitivas diferentes das que se proporiam se não se contasse com elas”. Neste aspecto são variadas as possibilidades de comunicação argumentativa, relacionamento de hipóteses e solução de problemas mais complexos.

Destacando-se o conceito de comunicação argumentativa, ou competência comunicativa, a mediação tecnológica por via de um planejamento pedagógico de base construtivista, é um meio bastante eficiente de promover a discussão entre grupos.

Competência comunicativa é um conceito desenvolvido pelo filósofo Habermas que atribui à dialogia um papel preponderante para o desenvolvimento do ser humano na pós-modernidade. Para o filósofo, tal competência significaria a possibilidade de os falantes alcançarem um acordo consensual através de argumentos sinceros e válidos. A linguagem, portanto, é central na teoria da Ação Comunicativa de Habermas. Isto significa que, em qualquer processo ensino-aprendizagem, a força da comunicação, do diálogo, da solidariedade no ouvir e da democracia ao falar são elementos que rompem com uma característica tão arraigada em nós: a aprendizagem individual, fragmentária, autoritária, ou seja, o que Paulo Freire chamara de “educação bancária”.

Provocar esta ruptura na prática, na ação, não é, portanto, uma tarefa fácil. Desenvolver uma dinâmica que envolva a problematização dos temas, que vise à construção de novos conceitos e que motive a crítica dos valores e normas estabelecidas requer um planejamento extremamente cuidadoso. Enfim, nos dizeres da professora Edith Litwin a respeito da mediação tecnológica:

Em suma, adaptar-se aos desenvolvimentos tecnológicos resulta na capacidade para identificar e por em prática novas atividades cognitivas, pois as tecnologias vão gerando permanentemente possibilidades diferentes; daí sua condição particular de ferramenta. A colaboração que prestam permite aos estudantes transcender a ideia de eficiência na medida em que implica menos tempo e menos esforço, mas, além disso, possibilita novas relações com o conhecimento no âmbito das mediações com os contextos culturais (LITWIN, 2001, p.18)

Um projeto pedagógico a distância requer assim a superação de vários desafios: o desafio da flexibilidade, da autonomia do alunado, do uso da tecnologia como mediatizadora de uma relação biunívoca, interativa, do pensar, ao planejar com base numa proposta construtivista. Contudo, como alerta Litwin, não se deve perder o sentido político desta nova proposta, ou seja, identificar a proposta de ensino e a concepção de aprendizagem subjacente. O grande desafio da EAD consiste em ser uma modalidade que permite a democratização do ensino através da uma proposta pedagógica consistente, reflexiva, que promova a interação e a construção do saber.

1.2.3 As gerações de EAD

A EAD não é praticada há pouco tempo. No mundo, desde meados do séc. XIX (1840) o ensino por correspondência surgiu como solução para desenvolver as habilidades necessárias ao processo de industrialização que se iniciava. Instituições particulares nos Estados Unidos e na Europa ofereciam cursos por correspondência destinados ao ensino de temas e problemas vinculados a ofícios ligados eminentemente ao mundo industrial, portanto de cunho bastante instrumental e pouco acadêmico. Só depois de algumas décadas de desenvolvimento é que a EAD conseguiu se estabelecer como modalidade de ensino.



Ilustração: Letícia Rodrigues

Em 1892 a Universidade de Chicago instituiu um curso por correspondência, incorporando os estudos da modalidade na universidade. Em princípios do século XX, outras instituições – por exemplo, a Calvert, em Baltimore – desenvolveram cursos para a escola primária. Em 1930, identificamos 39 universidades norte-americanas que oferecem cursos a distância. (LITWIN, 2001, p.15)

Mas foi só a partir da década de 60 que surgiram as primeiras universidades a distância. Como exemplo, destaca-se a Universidade de Wisconsin, marco da EAD nos Estados Unidos. Já a Universidade Aberta da Grã-Bretanha, conhecida como Open University, trouxe uma proposta revolucionária, segundo Litwin, por utilizar uma arquitetura complexa, unificando materiais impressos, televisão e cursos intensivos em períodos de recesso de outras universidades convencionais. Seus alunos competiam em pé de

igualdade com os graduados de universidades presenciais, o que fez da Open University um modelo de ensino a distância.

Na América Latina, destaca-se a Universidade Aberta da Venezuela ou a Universidade Estatal a Distância da Costa Rica como instituições que adotaram, na década de 60 o modelo inglês da Open University.

Ressaltam-se ainda estabelecimentos criados que não seguiram o modelo dos países desenvolvidos tais como a Universidade Autônoma do México, o Sistema de Educação a Distância da Universidade de Brasília, o Sistema de Educação a Distância da Universidade de Honduras, e os Programas de Educação a Distância da Universidade de Buenos Aires. Mas que se firmaram incorporando todos os sistemas de capacitação, a mestrados, a pós-graduações, demonstrando as excelentes possibilidades da modalidade para a educação permanente. (LITWIN,2001, p.18)

Mas não é só para atender aos estudos acadêmicos que a Educação a Distância veio se desenvolvendo. Associações profissionais, sindicatos, entidades comerciais e até universidades corporativas criaram um nicho de mercado voltado para a educação de interesse profissional. Pode-se dividir em cinco as principais modalidades de EAD que ainda convivem simultaneamente:

1. Ensino por correspondência: livros e tarefas comentadas.
2. EAD clássico: através de material impresso, rádio, televisão, assistência domiciliar e /ou em centros de estudo.
3. EAD grupal: rádio/TV e encontros presenciais regulares.
4. EAD autônomo: os estudantes planejam, organizam e programam seus estudos por si próprios.
5. EAD via WEB: o objetivo é o de desenvolver trabalhos colaborativos.



Resumo

- 1-Ensino por Correspondência
2. EaD clássico: material impresso, rádio
3. EaD grupal: TV
- 4.EaD autônomo:
- 5-EaD via WEB

Para Gutierrez e Prieto (1994, apud CORREIA, J.,2007) são inúmeras as vantagens da EAD como modalidade de ensino que veio para superar as distâncias e as limitações de recursos, sendo que por causa disso seu principal diferencial com relação ao ensino presencial é a própria democratização da educação. Para os autores, as vantagens mais visíveis da EAD são:

- 1-massividade espacial
- 2-menor custo por estudante
- 3-diversificação da população escolar
- 4-individualização da aprendizagem
- 5-quantidade (sem perda de qualidade)
- 6-autodisciplina de estudo

No Brasil, a EAD surgiu como necessidade de corrigir fracassos do sistema educacional brasileiro, que não conseguia universalizar e democratizar o ensino, menos por uma questão geográfica – dimensões continentais do país – e mais por uma opção política no uso dos fundos públicos.

A primeira experiência registrada no Brasil em EAD foi em 1923 através da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e Radiodifusão (Roquete Pinto). Registram-se também as experiências em 1941, do Instituto Universal Brasileiro (cursos por correspondência). Na década de 70 do século passado evidenciam-se os projetos Minerva (1970), através do rádio e a atuação do SENAC, através da Teleeducação. Mas foi só a partir de 2000 que surgiram as primeiras Universidades credenciadas pelo MEC para oferecerem cursos a distância. (CORREIA, J.,2007)

Para fins didáticos, mas não excludentes entre si, podemos classificar programas e experiências de EAD por gerações, que se as caracterizam pela utilização de determinadas tecnologias de informação e comunicação. São elas, conforme tabela 2 a seguir:

1ª geração	2ª geração	3ª geração
Material impresso	Rádio e TV	Telecomunicação e informática
Atingir alunos sem acesso ao ensino presencial	Atingir alunos sem acesso ao ensino presencial	Propiciar educação continuada
Instrução programada	Massividade passiva	Mediação bidirecional
Via correios	Via rádio, TV e material audiovisual	Via satélites, ciberespaço e videoconferência,
Atender o aluno via deslocamento	Atendimento via contatos telefônicos	Atendimento via contatos eletrônicos
Interação aluno com material didático	Interação aluno com material didático	Interação alunos/ colegas/ material didático/ professores-tutores

Tabela2: As gerações de EaD

Fonte: Adaptado de CORREIA, J.,2007

Assim, a primeira geração de EAD marca o meio de comunicação através do material impresso. Nesta geração, a universalização da educação dependia do atendimento eficaz dos correios. É uma geração marcada pela educação autodidata. Já na 2ª geração de EAD, ainda que permaneça o objetivo da universalização do ensino, a mediação via rádio e posteriormente pelos projetos televisivos trazia algo de novo ao processo, sem, contudo, permitir uma relação biunívoca entre estudante e professor. No máximo as dúvidas poderiam ser sanadas via telefone ou fax. A característica principal era a massificação do ensino sem, contudo, ser possível a interação entre alunos e entre estes e o professor.

É, porém, na terceira geração de EAD que o item interação será possível com o desenvolvimento da microeletrônica que permitiu o uso do computador em redes, de forma síncrona (ao mesmo tempo, on-line) ou assíncrona (via correio eletrônico). O objetivo

da EAD se modifica: abraçar a educação continuada e não qualquer nível educacional. Os programas de graduação e mais recentemente de pós-graduação são os mais destacados nesta geração. Através de contatos eletrônicos é possível a mediação professor-aluno, permitindo total integração numa sala de aula virtual com todas as mídias dispostas: Material didático, fóruns de discussão, videoconferência, *chats* e etc.

Síntese: O tema 1.2 A modalidade Educação a Distância (EAD), objetivou trazer informações a respeito da evolução da estrutura de concepção da Educação a Distância, suas bases legais e gerações. Ressalta-se, neste tema, que a atual geração de educação EAD pretende ser concebida com base na construção do saber, através de uma educação autônoma e reflexiva. Através da internet e das funcionalidades das ferramentas de interação (especialmente dos fóruns de discussão) será possível quebrar paradigmas tradicionais.



Atividade

Para aprofundar ainda mais o debate, leia o texto para discussão de Edith Litwin: “Das Tradições à Virtualidade” e reflita sobre as seguintes questões, levantando os pontos em que concorda ou discorda da autora.

1. Autonomia do aluno em EAD não significa autodidatismo.
2. O papel das TIC (Tecnologias da Comunicação) no processo de interatividade.
3. Mais tecnologia não significa mais aprendizagem.



Para descontrair

Descontraia e reflita visitando o site: http://br.youtube.com/watch?v=IJY-NIhdw_4 (acessado em 06/09/2016). Veja um vídeo sobre Tecnologia e Metodologia.

1.3 O papel da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC's)

Neste terceiro tema pretendemos apresentar o papel das tecnologias da informação e comunicação (TIC) na nova agenda educativa, que é a EAD. Exploraremos seus conceitos, sua articulação na mediação do processo ensino-aprendizagem e apresentaremos algumas das plataformas onde se desenvolvem os ambientes virtuais de aprendizagem.

1.3.1 As tecnologias da informação na Educação

Parece-nos interessante, apenas como redação introdutória, entender a etimologia da palavra tecnologia.

As palavras técnica e tecnologia têm sua raiz no verbo grego *ticein*, que significa criar, produzir. Para os gregos, a *téchne* era o conhecimento prático que visava a um fim concreto e, combinada com *logos* (palavra, fala), diferenciava um simples fazer de um fazer com raciocínio. Para Aristóteles, a *téchne* era superior à experiência: era um fazer que implicava uma linha de raciocínio, que compreendia não apenas as matérias-primas, as ferramentas, como também a ideia originada na mente do produtor até o produto pronto – a *téchne* sustentava um juízo sobre o como e o porquê da produção. (CORREIA, J., 2005).

Sendo o ato de pensar inerente ao homem e estar igualmente relacionado ao seu projeto histórico, o conhecimento se apresenta numa tentativa de materialização deste projeto.

Com o advento da revolução industrial, a razão ética, reflexiva que existia no conceito aristotélico se materializa, se instrumentaliza no produto que é produzido. Hoje, quando falamos de tecnologia nós a relacionamos com os instrumentos e não como uma técnica que emprega conhecimentos científicos, os quais sustentam, são subjacentes, ao instrumento.

A tecnologia configura-se como um corpo de conhecimentos que não só usa o método científico, mas também o transforma e cria processos materiais. O conceito foi se ampliando e englobando um conjunto de ideias, meios e processos, além de equipamentos. (CORREIA, J., 2005, pág.?)

Assim, a tecnologia, como um elemento constituinte do campo social, também passa a ser compreendida no processo educacional de forma dissociada do conhecimento, mantém-se a concepção da mesma como mais um aparato maquínico que vai

possibilitar responder às problemáticas existentes na prática educacional. (RAMAL,2002, apud SANTOS, J.Z.,2008). Assim, vivenciamos em nosso cotidiano educacional o uso de tecnologias da comunicação e da informação. Entretanto, somente a experiência e a capacidade de estabelecer conexões, próprias do ser humano, poderão produzir significados, dar sentido à vida, seja com a utilização de uma caneta ou um mouse.(CORREIA,J.,2005)

Quando utilizamos as tecnologias pedagógicas no trabalho, podemos pensar também na possibilidade de construção interativa de conhecimentos, onde, coletivamente, o saber dos sujeitos interage com os saberes de outros sujeitos, concretizando a formação do conhecimento em rede. Nada poderia ser mais exemplar do que a EAD materializando o conceito da construção coletiva do conhecimento através do uso das novas tecnologias de informação e comunicação, em especial através da internet. O papel mediador do professor vai possibilitar, em determinados momentos, a permanência ou ausência dos sujeitos em constante interatividade: nos diálogos dos fóruns e *chats*, no desenvolvimento de atividades e na integração entre os sujeitos da aprendizagem.



Reflexão

Os processos de transmissão da informação ganham sentido na medida em que possuem relação com a realidade vivida, com o contexto cultural, com a existência social e pessoal, ou seja, que possuam significado. Ao contrário, não haverá a conversão da informação em conhecimento!

Nesse momento, a sociedade da informação se caracteriza pelo desenvolvimento do processamento e da velocidade de transmissão da informação. Esses processos ganham sentido na medida em que possuem relação com a realidade vivida, com o contexto cultural, com a existência social e pessoal, ou seja, que possuam significado, ao contrário, não haverá a conversão da informação em conhecimento. Daí a importância do processo de ensino e aprendizagem como parte seminal desta conversão.



Imagem3

Ilustração: Letícia Rodrigues

Conforme Correia, J. (2005, p.31)

Na maioria das vezes, os programas de EaD se apoiam na pedagogia tradicional, num paradigma condutivista, reforçando a fragmentação do conhecimento e da prática pedagógica. A partir dos princípios da instrução programada, tivemos o desenvolvimento das metodologias de auto aprendizado e o surgimento da tecnologia educacional. Com isso, tivemos a definição dos objetivos operacionais, das unidades de aprendizagem, da estruturação sequencial dos conteúdos e atividades e da aprendizagem individualizada, segundo o próprio ritmo do aluno. Podemos observar, ainda hoje, que muitos programas de ensino informatizados seguem a lógica da instrução programada, assim como também é possível identificar uma forte influência desta nos cursos de EaD. (CORREIA, J.,2005).

Dentre todas as mídias disponíveis ao ensino a distância (verbal oral/sonoro: podcast, audiovisual: vídeos, teleconferências ou verbal escrito: *chats*, fóruns, mensagens e o material virtual ou impresso) a Internet é a tecnologia que dá o status atual da Educação a Distância. É ela que amplia as possibilidades de interação em rede e “encurta” as distâncias.



Mídias do ensino a distância

Dentre todas as mídias disponíveis ao ensino a distância, a **Internet** é a tecnologia que dá o status atual da EAD. É ela que amplia as possibilidades de interação em rede e “encurta” as distâncias.

1.3.2 O impacto da Internet na construção do conhecimento

No início dos anos 1960, algumas pessoas com pensamento visionário, viram na Internet um sistema que traria um grande potencial aos computadores por permitir a troca irrestrita de informações. Apesar de hoje associarmos a esta troca de informações facilitada pela rede a fins tão lúdicos e educacionais, o surgimento da Internet esteve intimamente ligado ao período da guerra fria, que perdurou durante 40 anos (1950-1990), após a segunda guerra mundial. A partir do receio de que um ataque nuclear pudesse provocar a perda de milhares de informações estratégicas guardadas em suas bases militares norte-americanas, foi que se começou a especular sobre os benefícios potenciais de uma rede de comunicações a nível nacional que pudesse descentralizar as informações. Este projeto ficou conhecido como o ARPANET.

É somente a partir do final da década de 80 que o perfil de utilização da Internet transforma-se: deixa de servir a fins estritamente militares para adentrar no foco educacional. Graças ao pesquisador Tim Berners-Lee, conhecido como o grande inventor da World Wide Web, a WWW é uma rede universal de informações que, embora inicialmente conhecida apenas por pesquisadores e professores, ganharia uma enorme popularidade a partir de 1990, pelo fato de ser uma plataforma livre, ou seja, oferecida gratuitamente. A partir de então, vários navegadores foram criados e aperfeiçoados para uma linguagem amigável, o que ampliou ainda mais o acesso à rede. O Dr. Genaro Vilanova Miranda de Oliveira, doutor no uso de novas mídias para o ensino de História do Brasil, ressalta que o grande interesse mundial pela Internet também está aliado ao um forte interesse comercial. Hoje, de uma população mundial de cerca de 7,4 bilhões de pessoas, cerca de 45% estão conectadas à rede mundial, representando 3,2 bilhões de pessoas, segundo a ONU.



Imagem4

Ilustração: Letícia Rodrigues

Sem sombra de dúvida, a enorme ampliação da Internet definiu um campo promissor para o desenvolvimento do ensino à distância via Web, ressaltando pelo menos 3 pontos focais em termos de facilidades:

1. Computadores e demais tecnologias de rede estão cada dia mais acessíveis a todos os envolvidos no processo educativo;
2. Permite maior acessibilidade e flexibilidade;
3. Por ser um meio essencialmente multimidiático, se insere numa maior gama de possibilidades de acesso à informação.

Sobre esta última vantagem, a crescente concorrência entre as instituições que almejam se firmar nesse mercado educacional tem imprimido o desenvolvimento de web cursos cada vez mais sofisticados, tendendo cada vez mais para a integração tecnológica, para a apresentação de mídias textuais, sonoras e imagéticas.

Mas como essa tecnologia em rede (via Internet) impacta na educação? Mais tecnologia representa mais educação?

A ilustração a seguir apresenta, por continente, a situação mundial de usuários da rede. 3,9 bilhões ainda não estão conectados à Internet, contudo ela avança a passos largos.

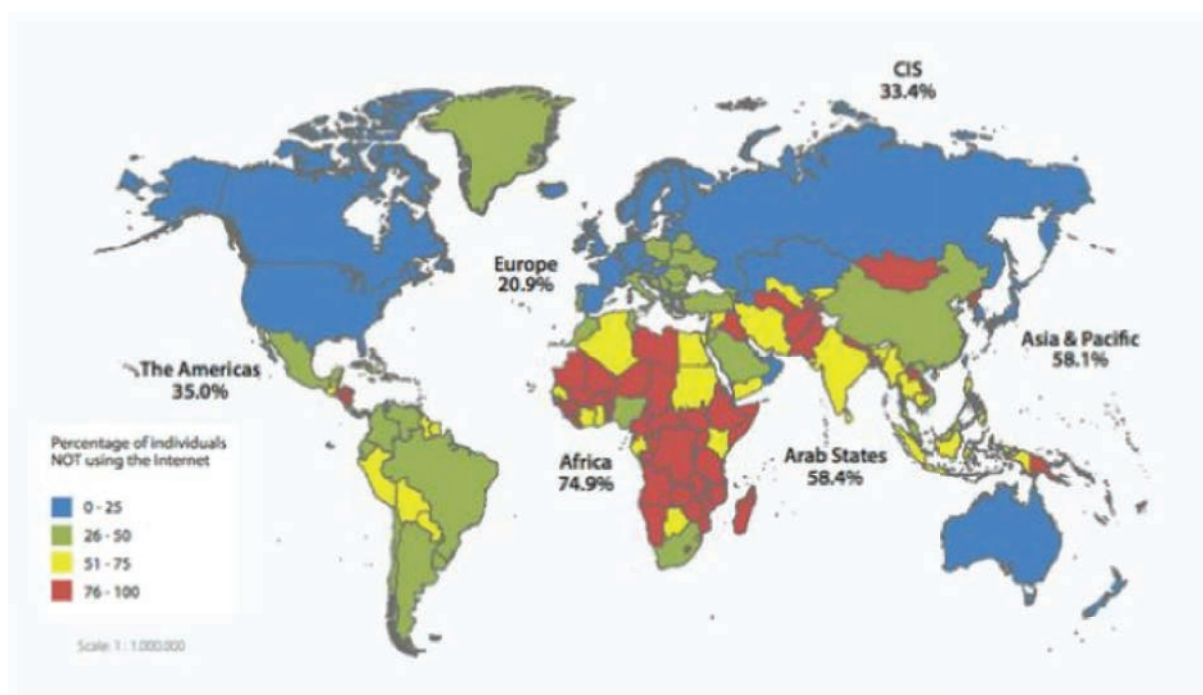


Imagem 5: Situação dos Usuários da Rede

Fonte: <http://idgnow.com.br/internet/2016/07/25/metade-do-mundo-ainda-nao-tem-acesso-a-internet-diz-onu/>
 acessado em 25/07/2016

As velozes transformações tecnológicas impõem um ritmo diferente à práxis de ensinar e também do aprender. Hoje o que se desloca não é mais o aluno, mas a informação. Segundo Kenski (2003, p.30), velocidade é o termo – síntese do status temporal do conhecimento na atualidade: velocidade para aprender e velocidade para esquecer. Velocidade para acessar as informações, interagir com elas, e superá-las com outras inovações.

Assim, a velocidade das alterações ocasiona efêmera duração da mensagem e desobriga o sujeito a retê-las como verdades. Observem que a lógica e estrutura do conhecimento se altera com o advento da Internet, e isto se caracteriza, tal como para a educação, como demanda por novas metodologias e novas perspectivas para a ação docente (KENSKY,2003) Citando Rose (1992, apud KENSKY,2003, p.45) “já deixamos pra trás as nossas vivências lineares para nos tornarmos seres hipertextuais.” Nessa abordagem alteram-se principalmente os procedimentos didáticos; o professor, antes detentor do monopólio do conhecimento, agora é um parceiro, um mediador, um orientador dos alunos diante de tantas possibilidades.

Kensky (2003) aponta o papel do professor e do aluno em quatro diferentes tipos de ensino:

- “contador de história” - apresentado em vídeo, por exemplo;
- negociador- o ensino se dá por meio da discussão do conteúdo via, fóruns, discussão de um texto postado, apreciação de um filme, *chats*...
- perquisador: o aluno assume este papel ao interagir com outros saberes utilizando-se de recursos midiáticos.
- Colaboradores: professores e alunos utilizando-se dos recursos da mídia para construir novos conhecimentos.

A sala de aula transmuta-se na virtualidade em espaço social, lugar onde se desenvolve a “inteligência coletiva” defendida por Levy (1994).

Conforme Santos (2006), ao pensar na possibilidade de utilização dos elementos tecnológicos, o educador necessita rever o processo de aprendizagem compreendendo que: a análise, a reflexão e a ressignificação do conhecimento são fatores importantes para se redesenhar a práxis pedagógica nesta sociedade informacional. No processo de

aprendizagem do estudante requer-se uma tomada de consciência sobre o seu papel de que a garantia da aprendizagem está nele próprio e não no educador ou na tecnologia.



Sabendo um pouco mais

“novas tecnologias e velhos hábitos de ensino não combinam”. (KENSKY,2003, p.75)

Acesse o link para o vídeo a seguir e entenda essa reflexão:

https://www.youtube.com/watch?v=IJY-NIhdw_4 (acessado em 12/09/2016)

Este trecho da autora parece-nos responder com clareza ao nosso questionamento: mais tecnologia não significa mais educação. É preciso discutir/redefinir os papéis dos sujeitos na educação – estudante e professores – numa concepção significativa da construção do conhecimento.

1.3.3. As plataformas do Ambiente Virtual de Aprendizagem

A visão tradicional de sala de aula vai sendo modificada com as novas possibilidades de comunicação e interação. Cada vez mais a lógica bancária da educação (professor detentor do conhecimento e aluno expectador) vai sendo substituída por uma construção contínua, coletiva e em rede.

Os ambientes virtuais de aprendizagem são espaços eletrônicos significando, virtualmente, o atual *lócus* da aprendizagem, onde se viabiliza a comunicação multidirecional entre todos os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Os novos paradigmas epistemológicos apontam para a criação de espaços que privilegiem a co-construção do conhecimento, o alcance da consciência ético-crítica decorrente da dialogicidade, interatividade, intersubjetividade. Isto significa uma nova concepção de ambiente de aprendizagem – comunidade de aprendizagem que se constituam como ambientes virtuais de aprendizagem”. (OKADA; SANTOS,2004,p.54)

A sala de aula virtual, chamemo-la assim, é um ambiente que disponibiliza diversas mídias com linguagens pedagógicas (fóruns, *chats*, mensagens, bibliotecas virtuais, tarefas para avaliação, etc.) convidativas ao processo de aprendizagem.

No ensino a distância, a interação entre professores e estudantes permite não só a troca de saberes, mas um encontro sócio-afetivo. Quanto mais o professor e os alunos interagirem num ambiente atrativo e amigável, menor é a sensação de solidão e desamparo que tanto aflige os estudantes. As TIC oferecem amplas possibilidades de interação e interatividade, conceitos que merecem esclarecimentos por parte de Belloni (2001, p.58).

É fundamental esclarecer com precisão a diferença entre o conceito sociológico de **interação** – ação recíproca entre dois ou mais atores onde ocorre a **intersubjetividade**, isto é, encontro de dois sujeitos – que pode ser direta ou indireta (mediatizada por algum veículo técnico de comunicação, por exemplo, carta ou telefone); e a **interatividade**, termo que vem sendo usado indistintamente com dois significados diferentes em geral confundidos: de um lado a potencialidade técnica oferecida por determinado meio (por exemplo CD-ROMs de consulta, hipertextos em geral, ou jogos informatizados), e, de outro, a atividade humana, do usuário, de agir sobre a máquina, e de receber em troca uma “retroação” da máquina sobre ele.

Existem várias plataformas (softwares) destinados à construção de ambientes virtuais de aprendizagem, alguns pagos, mas há também aqueles disponíveis gratuitamente desenvolvidos por universidades ou por terem o seu código aberto como por exemplo o Aulanet, TelEduc, MOODLE, Dokeos. Todos eles (pagos ou gratuitos) dispõem das principais ferramentas para a sua construção, sejam elas relativas ao conteúdo escrito síncrono (*chats* e/ou salas de bate-papo), ou assíncronos (fóruns de discussão e mensagens individuais). A tabela 3 a seguir resume as principais características e potencialidades dos softwares livres:

Aulanet	TelEduc	MOODLE	Dokeos
Iniciado com um projeto do laboratório de engenharia de software da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, objetiva principalmente a criação e assistência de cursos a distância. A ideia do ambiente para uma abordagem cooperativa e querendo estabelecer uma comunidade de aprendizagem, observe abaixo a página inicial do Aulanet.	Desenvolvido por pesquisadores do NIED (Núcleo de Informática Aplicada à Educação) da Unicamp, o grande diferencial desse software de produção de ambientes de aprendizagem é que todas as ferramentas foram criadas de acordo com as necessidades que os usuários relataram, isso possibilitou a criação de uma interface mais amigável, com extrema facilidade de utilização por pessoas que não são especialistas em computação	A palavra MOODLE referia-se originalmente ao acróstico: “Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment”, que é especialmente significativo para os programadores e acadêmicos da educação. É também um verbo que descreve o processo de navegar despreziosamente por algo, enquanto se faz outras coisas ao mesmo tempo, num desenvolvimento agradável e conduzido frequentemente pela perspicácia e pela criatividade. Atualmente tem uma utilização maciça por Universidades e Escolas, sendo sua atualização mista. Funciona nos principais sistemas utilizados no dia-a-dia, como Linux e Windows. o que permite uma hospedagem ampla. Está disponível em vários idiomas, incluindo o português.	Sistema de gerenciamento de cursos a distância, possibilitando a criação e administração de cursos por professores diretamente do navegador da internet, de licença Open Source (software livre), é constantemente modificado por programadores no mundo todo, que buscam transformar o sistema, na busca pela simplicidade na utilização, baseado na colaboração e em trabalho de grupo. O principal diferencial é para a Rota de aprendizado, que possibilita determinar os caminhos que o aluno deve percorrer, como por exemplo acessar um link, resolver um texto e participar de um fórum de discussão.

Tabela 3: Comparativo entre as diferentes plataformas

Fontes: www.MOODLEmais.com.br/mod/resource/view.php?id=637,
www.nied.unicamp.br/?q=linhas-de-pesquisa/tecnologia-para-Ead e,
www.inf.puc-rio.br/?page_id=27
 acessados em 17.08.2016



Atividade

Clique no link abaixo e faça uma breve resenha do que você assistiu. Compartilhe com seus colegas conforme orientado no AVA. https://www.youtube.com/watch?v=qDUDYrRS8Eo&feature=player_embedded, ACESSADO EM 17.08.16



Sessão pipoca

Assistir ao vídeo 2 Entrevista com o filósofo Pierre Lèvy, disponível no AVA e destacar pontos interessantes para discutir no fórum da Unidade I.

1.4- Limites e Potencialidades da EaD

O último tema de nossa primeira unidade pretende explorar as limitações e os desafios em se praticar esta nova modalidade de ensino. Ao final da unidade teremos condição de postar nosso balanço sobre esta modalidade de ensino.

Quais estratégias e saberes são necessários para essa modalidade de ensino?

Será que é fácil fazer EAD?

Será que de fato a EAD permitirá a inclusão educacional?

Os defensores da EAD, em toda a sua plenitude, deverão estar sempre atentos para alguns desafios postos à sua função educacional. Esta nova modalidade enriquece muitos processos de construção do conhecimento mas traz consigo enormes desafios.

1.4.1 Enumerando as vantagens

Começamos pelo questionamento que levanta a grande vantagem da Universalização do ensino num país de dimensões continentais. As propostas de EAD vão efetivamente, ou tenderiam, seguir esta direção, contudo, mesmo vencidas as distâncias físicas, ainda existe o risco de se aprofundar a distância entre as classes mais favorecidas e aqueles

sem acesso às novas tecnologias em rede – os sem-modem. Uma proposta ao nível de política educacional seria a de ampliar o número de centrais públicas de acesso à Internet (telecentros). Em 2011 existiam mais de 8 mil telecentros no país e 13 mil pontos Gesac (Governo Eletrônico – Serviço de Atendimento ao Cidadão). A conexão de Internet dos telecentros do Ministério das Comunicações é assegurada pelo Programa Gesac via satélite e terrestre. Vencido este empecilho, sem sombra de dúvida, o espraçamento de acesso à educação é a grande vantagem da EAD.

Paralelamente são vantagens das novas TIC a proposta de um currículo sem limites, utilizando-se dos hipertextos, redes, etc., e o respeito ao ritmo e disponibilidade de tempo de cada aluno.

O desconforto típico do estudo – ouvir professores ao longo de quatro horas por dia – é substituído pela comodidade de aprender diante do computador, da TV, em salas de vídeo, podendo acessar livros, jornais e imagens com um clicar do mouse em tempo real. (RAMAL, 2000, p.2).

Assim, transmuta-se o conceito de turma, como se conhece no ensino tradicional, limitada em função da faixa etária dos alunos. São grupos autônomos, que se interconectam através de *chats*, listas de discussão e comunidades virtuais. A inteligência coletiva é “incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LÈVY, 1998). Segundo Ramal (2000, p.2) formam-se “parcerias, pesquisas cooperativas, groupwares que produzem conhecimento e trocam ideias, estas são algumas das múltiplas possibilidades dessa modalidade educacional flexível, aberta e interativa”.

Na EAD, o tempo está a favor do aluno. Ele estuda a qualquer hora em qualquer lugar. A obrigatoriedade da presencialidade na educação tradicional vem significando salas de aulas cada vez mais esvaziadas pois o aluno não dispõe de tempo de seu dia para ficar 4 horas à disposição da instituição de ensino. Individualmente esta tem sido declaradamente a grande vantagem da EAD, pois traz a possibilidade de respeito aos ritmos e necessidades de cada um.

Renasce a prática de leitura e escrita (Ciberescrita), forma básica de comunicação via web. Conforme Ramal (2000, p.4) “A leitura *monológica* dá lugar, na navegação hipertextual, à polifonia – são muitas vozes, olhares diversos, espaço para todas as leituras e interpretações possíveis.

Mas toda a escolha tem seu preço e os desafios são enormes nesta nova modalidade de ensino. Vamos a eles!



Resumo

Enumerando as vantagens da EAD:

1. Respeito ao ritmo e disponibilidade de tempo de cada aluno.
2. Universalização do ensino.
3. Modalidade educacional flexível, aberta e interativa.
4. Renasce a prática de leitura e escrita (Ciberescrita), forma básica de comunicação via web.

1.4.2 Superando os desafios

Por ser uma modalidade que só apresenta viabilidade econômica se trabalhada com larga escala (muitos alunos), é possível que a relação entre professores e estudante comprometa a interatividade, elemento de sustentação da qualidade do processo ensino-aprendizagem da EAD. Este é um desafio que terá que ser enfrentado se não quisermos cair na armadilha da massificação do ensino de baixa qualidade. Como corolário deste desafio surge a afetividade. A distância física não deverá isolar o aluno do professor. A interatividade, sempre presente, resgata a relação afetiva entre os sujeitos da educação, dificultando o sentimento de isolamento e de solidão tão declarados em pesquisas sobre evasão. A afetividade ajuda a constituir a identidade do sujeito, tomando como base o pensamento do educador Piaget, o conceito de turma aberta pode inibir esta relação tão cara à educação de uma maneira geral. Há de se preocupar com este aspecto que ajuda enormemente na integração e no conceito de coletividade. Portanto, quanto maiores as turmas, mais difícil será cultivar as relações de afetividade.



Imagem 5

Ilustração: Letícia Rodrigues

Um outro desafio também inquieta aqueles que apostam no sucesso desta nova modalidade de ensino: a avalanche de informações que se capta através da rede, pode assumir um papel estéril, ou seja, desprovido do conteúdo necessário para a construção do conhecimento e, portanto, da aprendizagem. Como sistematizar as informações, como separar o joio do trigo? Mais uma vez recorremos ao precioso papel do planejamento pedagógico, amarrando as pontas, fornecendo critérios e definições. Apropriar-se desta nova avalanche de linguagens e símbolos é crucial para nortear o ensino propiciando “uma nova forma de pensar o mundo”. Nos dizeres das professoras Lynn Alves e Cristiane Nova (2003), “...um novo tipo de linguagem acaba gerando uma nova forma de pensar o mundo, de estruturar relações, dado que a mensagem é também o meio” (ALVES, Lynn e NOVA, Cristiane, 2003).

E o papel do professor? Ele terá que se reorientar para assumir um novo papel? De fato, ao romper com a postura de controle do saber, o professor deverá se orientar para abertura ao diálogo e à troca de informações. Na acepção da professora Ramal (2000,p.3) “está nas mãos dos professores a criação do espaço para o diálogo amigo, a discussão coletiva, a partilha dos sentidos”. A construção do saber numa perspectiva on-line requer do professor um olhar multirreferencial, que envolva a reflexão e a crítica do âmbito político, porque intervém na prática social, técnica e humana.

De fato, pode-se estruturar em três movimentos a presença do professor no processo de mediação em EAD: na intervenção, no encaminhamento e na devolução. São elementos constitutivos da ação de aprender e ensinar. Para uma concepção pedagógica democrática e construtivista, a ação de intervir é a de instigar, provocar a reflexão, o que requer do professor um planejamento prévio de suas intervenções no grupo (na

turma virtual). Problematicando o tema, o professor estará preparando a turma para a construção do conhecimento. A ação de encaminhar são as propostas de atividades, as tarefas relacionadas à problematização elaborada na primeira ação (a de intervenção). Através dos encaminhamentos, o educador organiza o caminho do pensamento. Ou seja, é quando promove a interação do sujeito da aprendizagem (o educando) com o objeto da aprendizagem (o conteúdo da disciplina). A devolução é o retorno da atividade, é a resposta às dúvidas dos educandos com o objeto da aprendizagem. A devolução oferece esclarecimento teórico para a compreensão do que vinha sendo trabalhado desde as primeiras intervenções. Identificar os pontos críticos das discussões, apaziguando e fazendo comentários seja criticando, ou mesmo, sugerindo um novo posicionamento de cada um, valorizando o trabalho apresentado pelos participantes do curso. O *feedback* é um elemento de extrema importância para nortear a aprendizagem e elevar a auto-estima do educando. Ao mediar e estimular o debate e a reflexão o professor estará contribuindo para a motivação do aluno, para a sua sensação de pertencimento e de socialização. (RAMAL, 2000)

Discutem-se, ademais, as dificuldades de avaliação. É sabido que na educação tradicional, a avaliação normalmente ocorre ao final do processo, caracterizando-se por ser um instrumento de pressão e controle para o professor. Mas na EAD é possível, a depender do tamanho das turmas, que se insira um tipo de avaliação processual que avalie o desenvolvimento do aluno através de uma visão também multirreferencial, verificando suas contribuições nos fóruns de discussão, sua participação nos trabalhos coletivos e porque não na auto-avaliação, uma vez que o perfil do aluno que busca a educação continuada deveria ser aquele que valoriza a autonomia e a responsabilidade.

Contudo, a maior liberdade nos processos de avaliação conduz aos desafios relacionados à credibilidade. Ramal (2000,p.5) nos lembra que:

Na época do ensino por correspondência, era difícil a credibilidade pública de cursos nos quais as provas eram realizadas em casa, sem a vigilância do professor. Agora o problema da credibilidade, queiramos ou não, ainda se faz presente. A legitimidade da EaD deverá ser conquistada através de estratégias inteligentes, que envolverão testes on-line, acompanhamento personalizado e novos conceitos de avaliação, na qual passem a ser medidas, mais do que a memória e a assimilação de conteúdos, as competências desenvolvidas ao longo do processo.

Avaliar o desenvolvimento das competências do alunado requer antes de tudo um professor melhor capacitado, capaz de perceber, através da linguagem escrita, eivada de signos e símbolos, se houve de fato construção de conhecimento. Na docência on-line, esta percepção se desenvolve eminentemente a partir das interações, da capacidade argumentativa dos alunos e de sua contribuição para o saber coletivo. É um exercício que requer uma dedicação do professor, acreditamos, muito maior e mais sensível que na educação tradicional.

1.4.3 Para refletir à guisa de conclusão

A EaD insere-se, portanto, num novo cenário, com novos sujeitos, processos, linguagens e relacionamentos. Neste sentido, como ressalta Ramal (2000, p.6)

Dominar as linguagens, compreender o entorno e atuar nele, ser um receptor crítico dos meios de comunicação, localizar a informação, utilizá-la criativamente e locomover-se bem em grupos de trabalho e produção de saber são saberes estratégicos para a vida cidadã no contexto democrático.

Aprender hoje significa romper com o passado, significa relacionar-se com algo imaterial, flexível, fluido. Construir um conhecimento na base da intangibilidade requer rupturas, uma nova aculturação. “Os suportes digitais e os hipertextos são, a partir de agora, as tecnologias intelectuais de que a humanidade passará a se valer para aprender, interpretar a realidade e transformá-la” (RAMAL, 2000,p.6).

Por tudo até aqui exposto nos parece ser muito complexo desenvolver e fazer um curso a distância, tanto para a instituição, para os professores, quanto para os educandos. Não basta transpor um modelo tradicional e postá-lo num ambiente virtual sem rever a prática pedagógica. Por isso a EAD é conceituada como uma nova modalidade de ensino, o que implica em quebra de paradigmas educacionais.

Nesse sentido, surge a figura de um novo profissional: o *instrucional designer* que, segundo Ramal (2000,p.6) “é responsável por analisar as necessidades, projetar os caminhos possíveis de navegação [em rede]. Trata-se de um estrategista do conhecimento”. Contudo, ele sozinho não é a solução, há de se construir um eficaz planejamento pedagógico voltado para a uma concepção democrática e construtivista que garanta o sucesso do processo ensino-aprendizagem e desfazendo os mitos que esta nova modalidade de educação pretende ilusoriamente revelar.

Síntese: O tema 1.4 Limites e Potencialidades da EAD enumerou algumas vantagens e desvantagens da modalidade EAD, ressaltando que a superação dos desafios está em conscientizarmos que se trata-se de uma quebra de paradigma na educação, onde o fomento à interatividade é o conceito-chave.



Atividade

Ao ler este tema (1.4) você, aluno, é capaz de responder a uma pergunta crucial desta disciplina? É fácil ESTUDAR EM EAD? Compartilhe suas opiniões com as dos seus colegas no Fórum.

UNIDADE TEMÁTICA 2

O processo de ensino-aprendizagem em EaD

UNIDADE TEMÁTICA 2

O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM EAD

A segunda unidade da nossa disciplina tratará de aprofundar a lógica do processo ensino-aprendizagem em Educação a Distância, levantando as competências necessárias do professor, as atitudes do educando e a mediação pela tutoria. Nesta unidade a palavra - chave é autonomia.

2.1. A lógica do ensinar e aprender

O primeiro tema desta segunda unidade tem como objetivo fazer um rápido recorte das concepções teóricas sobre a lógica do ensinar e do aprender, a importância da linguagem na EAD e o papel da interatividade no processo ensino-aprendizagem.

2.1.1. Breve resgate das concepções teóricas

Existem várias maneiras de explicar como o ser humano aprende, mas antes de iniciarmos nosso entendimento sobre a lógica do ensino-aprendizagem é preciso ler a citação da professora Maria Judith Sucupira (SENAC, 2007, UN.3, p.10). “Um dos pontos fundamentais para quem está se iniciando na pesquisa sobre aprendizagem é a clarificação entre esses dois aspectos, ou seja, entender perfeitamente o que é inato ao sujeito, em oposição a tudo o que é adquirido por este, e que se denomina aprendizagem”. Nos dizeres da professora, não é fácil conceituar aprendizagem pois existem inúmeras teorias concomitantes e antagônicas. Contudo devemos ter sempre em perspectiva que “a aprendizagem provoca sempre uma mudança no comportamento, entendido este na sua forma mais ampla, relativa a algo novo em comparação com tudo o que é originalmente parte integrante do sujeito”.

Pozo (1998, apud SUCUPIRA, 2007), alude que o conceito de aprendizagem surge com os behavioristas. Esta linha teórica de estudo afirma que o conhecimento é proveniente dos sentidos e do comportamento humano e é estudado como um conjunto de elementos unidos por regras sintáticas e por princípios de correspondência.

Pode-se destacar dois grandes grupos teóricos relativos à aprendizagem: o das teorias comportamentais e o das teorias cognitivas:

- **Concepção Comportamentalista:** também conhecida como, empirista ou behaviorista, tem como principais expoentes Watson e Pavlov, este último, fisiólogo russo, desenvolveu a teoria do condicionamento reflexo (ao apresentar um estímulo o cão apresentava a resposta esperada (salivar apenas com o toque da campainha, antes de ser oferecido o alimento ao animal). A partir desta experiência de reflexo condicionado, esta linha teórica acreditava que a única fonte de conhecimento humano é a experiência adquirida pelo meio físico mediada pelos sentidos, desconsiderando os processos mentais na elaboração dos conceitos e ideias. Assim, para os behavioristas, o motor da aprendizagem está fora do indivíduo, mediado pelo ambiente. O aprendiz é, então, entendido como uma tábula rasa, que recebe estímulos externos, estabelece uma associação e é condicionado a fixar o estímulo recebido de forma passiva e incontestável (POZO, 1998, apud SUCUPIRA, 2007). Assim, não são considerados os valores dos estudantes nem suas diferenças individuais. O aluno médio é a referência da aprendizagem, por isso os conteúdos das disciplinas e das atividades são padronizadas com base no desempenho do aluno médio. A tarefa do professor se resume à transmissão do conhecimento esperando que seus alunos respondam, através do reforço condicionado, o desempenho esperado. O aluno realiza as atividades propostas repetindo as informações do professor, em uma atitude de passividade. (SUCUPIRA, 2007)

- **Concepção Apriorista:** Ao contrário da comportamentalista, a concepção apriorista considera que o indivíduo já traz consigo, ao nascer, indícios do conhecimento e da aprendizagem. O saber está no sujeito e o meio vai fazer desabrochar o conhecimento no educando. Assim as capacidades básicas do ser humano tais como personalidade, comportamento, formas de pensar, etc., são inatas ao homem. O meio não o determina e a aprendizagem é uma ação internalizada do estudante. O professor tem o papel de facilitador do desabrochar da curiosidade do estudante, ele acredita que o aluno tem sua vivência e sua história. (SUCUPIRA, 2007)

• **Concepção Cognitivista:** Esta linha teórica sobre a teoria da aprendizagem não considera o conhecimento sendo totalmente inato nem determinado pelo meio. Para Piaget (1990, p.7-8, apud SUCUPIRA,2007,p.29)

O conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo, nem de objetos já constituídos (do ponto de vista do sujeito) que se lhe imporiam: resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre o sujeito e o objeto, e que dependem, portanto, dos dois ao mesmo tempo, mas em virtude de uma indiferenciação completa e não de trocas entre formas distintas.

Nesta concepção, a interação entre professor e aluno deve ser descentralizada da figura de poder do professor.

O papel do docente é estimular no aluno a busca por encontrar respostas por si mesmos.

• **A Concepção Sócio-histórico-cultural:** caracteriza-se pela relação sócio cultural entre indivíduos, compactuando com a teoria cognitivista de que o conhecimento não está nem pré-formado no sujeito, nem é determinado pelo meio exterior. Lev Vygotsky é o seu principal expoente sugerindo que o conhecimento é construído na relação sujeito, objeto e o outro (pais, professores, colegas, um livro e tantos outros instrumentos). Assim, tal como a formação do indivíduo acontece a partir da sua relação social, o conhecimento também se constrói desta forma.

[...] a aprendizagem não é algo externo e posterior ao desenvolvimento, nem idêntica a ele, mas uma condição desse processo. De acordo com esse autor, “o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer.” (Vygotsky, 1994, p. 101).

De acordo com essa concepção, a escola favorece a apropriação pelo sujeito dos saberes culturais assim como pelo desenvolvimento do pensamento conceitual de forma crítica. É uma teoria que abre espaço para as investigações do professor e do aluno por meio de pesquisa e seleção de temas que desenvolvam a capacidade crítica e reflexiva.

Um dos pontos básicos de sustentação da explicação da aprendizagem vygotskyana é o papel da linguagem, dado este nitidamente cultural. A linguagem tem um papel preponderante no processo de desenvolvimento da aprendizagem, principalmente

pela relação intrínseca existente com o pensamento. A ação do outro sobre cada sujeito que aprende é fundamental, não só como incentivadora, mas também como uma ponte indispensável entre este e a realidade que o circunda. A função determinante do contexto cultural e a atividade do outro no processo total de aprendizagem explicam a ocorrência desse fenômeno. Observe-se que para Vygotsky a aprendizagem produz desenvolvimento e não o contrário, ou seja, a aprendizagem não decorre de um estado de desenvolvimento que faria brotar esse fenômeno. (SUCUPIRA,2007, Senac UN3, p.33).



Sabendo um pouco mais

A linguagem tem um papel preponderante no processo de desenvolvimento da aprendizagem, principalmente pela relação intrínseca existente com o pensamento. Para saber mais leia..... (Vigotsky)

2.1.2 A linguagem como principal ferramenta

Para edificar a educação, a principal ferramenta é a linguagem. Na EAD muito mais ainda pois é a linguagem escrita um dos meios mais importantes entre o estudante e o professor. Por isso, o suporte dos materiais e provas são apresentados na forma escrita. E mais ainda a interatividade, modus que caracteriza a EAD é feita através de *feedbacks* aos fóruns de discussão, seja por parte do professor ou dos tutores.

O trabalho postado no site novo MOODLE da UFBA: Estratégias Pedagógicas vem ao encontro do tema (acesse: www.novomoodle.ufba.br). Faremos, portanto, um recorte do trabalho desenvolvido pela professora Odbália Ferraz, intitulado Tecendo Saberes Na Rede: O MOODLE Como Espaço Significativo de Leitura e Escrita.

As tecnologias digitais, através dos AVAs, têm produzido espaços de construção coletiva do conhecimento que vêm se constituindo como campos do possível nos quais nos tornamos o que somos, realizando rupturas, bem como resistindo às práticas que homogeneizam e engessam as possibilidades de movimento e criação. Nesse contexto, a mentalidade humana passa por transformações, no que concerne à forma do sujeito organizar e expressar seu pensamento, refletindo sua visão de mundo na contemporaneidade. Assim ocorre com

a linguagem, que vai passando também por significativas mudanças: do códex¹ à tela, a relação do sujeito leitor/autor com os suportes de leitura e escrita tem se transformado e se ampliado, tendo em vista as novas possibilidades técnicas e os novos valores socioculturais. Essas mudanças propõem ao professor repensar sua prática pedagógica, em relação à leitura e escrita, na qual ele ainda se coloca como o detentor do saber que pode “ensinar tudo” aos seus alunos.....

Narrar as experiências de leitura e escrita que se processaram no MOODLE constitui importante possibilidade de partilha com outros educadores, de modo a contribuir para a construção de uma nova acepção do ato de ensinar-aprender, bem como para a compreensão da lógica desses processos de leitura e escrita que se desenvolvem nos ambientes virtuais de aprendizagem.

O aprendizado da leitura e escrita no MOODLE, por exemplo, tem abalado a ideia de estabilidade, invariabilidade e rigidez que ainda se mantém nas práticas de produção de texto e leitura em salas de aula presenciais, onde ainda se faz educação como se a realidade pudesse ser fragmentada de forma descontínua em uma série de particularidades. Contrariando esse paradigma forjado pela modernidade, ao trabalharmos no Moodle, procuramos considerar a situação singular de cada ser, num mundo presente que também é singular (CHARTIER, 2001), uma vez que esse contexto de profundas mudanças no qual vivemos exige que as relações de aprendizagem sejam reconfiguradas, pondo em xeque um currículo fragmentado, linear, disciplinar, que segue na contramão da vida e dos desejos dos sujeitos “ensinantes” e aprendentes. Assim, entendemos que o currículo, na atualidade, precisa dar conta de paradigmas que tenham em vista a construção coletiva dos sujeitos, partindo tanto da sua diversidade como da sua pluralidade.

Sem a intenção de prescrever receitas de sucesso, podemos dizer que essa interface se apresentou como viabilizadora de produção de sentidos, onde um fio puxava o outro, costurando novos modos de ler/escrever/tecer. Essas tessituras de sentido, presentificadas nos diálogos, tanto nos “chats” como nos fóruns, revelavam dos sujeitos participantes as necessidades de “dizer”, ainda silenciadas no espaço escolar convencional, os saberes, desejos e valores que não cabem no espaço dos cadernos e deveres escolares. Portanto, traziam as marcas das suas histórias de vida em seus aspectos pessoais e socioculturais, para partilhar com o outro. É nesse sentido que “[...] toda relação humana implica um aprendizado. Pelas competências

¹ Códex ou códice refere-se ao livro composto de cadernos juntados que, no mundo ocidental, substituiu o rolo, permitindo reunir grande quantidade de textos num volume menor. (Roger Chartier, no artigo “Do códice ao monitor: a trajetória do escrito. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n2l12.pdf> Acesso em 06/07/2016.

e conhecimentos que envolve, um percurso de vida pode alimentar um circuito de troca, alimentar uma sociabilidade de saber” (LÉVY, 2003, p. 27), que gera formas dinâmicas de produção intelectual e de circulação do conhecimento.

Combinando as escritas síncrona e assíncrona, arriscamos afirmar que o MOODLE colocou um desafio aos sujeitos participantes dos cursos de extensão, pois, sem possuir qualquer experiência anterior em ambientes online, de repente se sentiram envolvidos numa outra relação com o espaço, com o tempo e com um outro suporte de leitura/escrita. Nesse sentido, notamos que houve, por parte dos sujeitos, problemas em organizar seu tempo de modo a ajustá-lo à dinâmica assíncrona/síncrona do ensino on-line, até porque o ritmo dos sujeitos ainda está intrinsecamente ligado às exigências síncronas dos ambientes presenciais de aprendizagem.

Nessa perspectiva, tem se convertido em instrumento pedagógico de grande eficácia para auxiliar os sujeitos aprendentes na construção de sentidos, na significação do mundo à sua volta, através de práticas de escrita compartilhadas, coletivas e sociais.



Glossário

Interatividade: interação mediada pela internet.

s: retorno das mensagens

2.1.3 Do Interacionismo às comunidades de aprendizagem

Refletir sobre o conhecimento demanda o desejo de descobrir o objeto do conhecimento. Para Alves,

As associações passam a ocorrer com base no desejo dos sujeitos, que buscarão informações e conhecimentos que, momentaneamente, tenham significados, construindo assim uma nova cartografia do processo de construção do conhecimento, permeada pelo prazer e pelo desejo do saber, na qual nenhum saber é negligenciado (ALVES, 1998, p.43).

Pense num indivíduo que nunca interagiu com um computador e internet. Entendendo o seu funcionamento, surge o desejo de criar, avançar, descobrir os ícones, as palavras e os textos. Segundo Santos (2006) é nesse momento que a mediação se torna necessária,

possibilitando o processo de construção do conhecimento. A tabela a seguir, desenvolvida por Pessanha e Struchiner (2005),apud Santos (2006) é bastante esclarecedora com relação a construção de práticas pedagógicas que possam viabilizar o processo de construção coletiva do conhecimento na rede internet.

CATEGORIAS TEÓRICAS PARA A CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS METODOLÓGICAS NA WEB	
Interatividade	A Interatividade envolve um relacionamento entre os sujeitos de experiências diversas, entre ferramentas e atividades culturalmente organizadas. Que depende da relação entre grupos, desejos, motivações, culturas, interesses individuais e sociais, havendo uma inter-relação mediatizada pela comunicação entre grupos.
Cooperação	A Cooperação é uma relação compartilhada estabelecida entre os sujeitos na interação, no desenvolvimento da aprendizagem e na realização de projetos de interesse comum. Esta relação se caracteriza pela desigualdade do conhecimento entre os grupos, pelo sistema de combinações e compromissos estabelecidos na solução de problemas significativos. A cooperação se constitui numa relação de troca compartilhada, dada pelos diferentes perfis existentes e nas formas de atuação e experiências do contexto de trabalho.
Autonomia	A Autonomia é considerada como a capacidade do sujeito em determinar-se, escolher, apropriar-se e reconstruir o conhecimento produzido culturalmente em função de suas necessidades e interesses. Caracteriza-se pela responsabilidade, autodeterminação, decisão, auto avaliação e compromissos a partir da reflexão de suas próprias experiências e vivências.

Tabela 4: Categorias teóricas para a construção de práticas metodológicas na web

Fonte: Pessanha e Struchiner (2005), apud Santos (2006).

É condição sine qua non a compreensão do sujeito com relação à complexidade das categorias expostas. A integração entre elas é complexa e atribuem responsabilidade da aprendizagem aos próprios estudantes, sujeitos que são do processo. Para Levy (1998, p.67), o “ciberespaço poderia abrigar agenciamentos de enunciação produtores de sintomas políticos vivos que permitiriam aos coletivos humanos inventar e exprimir de modo

contínuo, enunciado e complexos, abrir o leque das singularidades e das divergências, sem por isso inscrever-se em formas fixadas de antemão. A democracia em tempo real visa à constituição do “nós” mais rico, cujo modelo musical poderia ser o coral polifônico improvisado. Para os indivíduos, o exercício é especialmente delicado, pois cada um é chamado ao mesmo tempo a: 1) escutar os outros coralistas; 2) cantar de modo diferenciado; 3) encontrar uma coexistência harmônica entre sua voz e a dos outros, ou seja, melhorar o efeito conjunto”.

Esta citação vem ao propósito de demonstrar que a forma de ensinar e aprender transpassa o limite físico dos sujeitos, tecendo teias de conhecimento, em rede. Esta forma coletiva de nos relacionarmos surge criando comunidades de aprendizagem. Kensky (2003, p.101) vem bem ao propósito da importância da interação.

A interação proporcionada pelas “telas” amplia as possibilidades de comunicação com outros espaços de saber. As informações fluem de todos os lados e podem ser acessadas e trabalhadas por todos: professores, alunos e os que, pelos mais diferenciados motivos, se encontram excluídos das escolas e dos campi: jovens, velhos, doentes, estrangeiros, moradores distantes, trabalhadores em tempo integral, curiosos, tímidos, donas de casa...pessoas.

É ainda Kensky (2003) que nos alerta sobre a criação das comunidades virtuais através do ciberespaço. Esta união de cidadão e pessoas cujos interesses giram em torno de temas específicos podem constituir uma comunidade com regras, valores e costumes, com sensação de pertencimento ao grupo, criando uma unidade cultural. Mas como diferenciar uma comunidade virtual de uma comunidade virtual de aprendizagem? Elas podem ser formadas de cursos ou disciplinas, mas não seguem a temporalidade regimentada pela instituição educacional destes. Vão além, a depender do interesse de seus membros em colaborar e aprender. E isto, ou seja, grupos que voluntariamente se interessam por trocar conhecimentos e experiências e aprender juntas, podem ser, segundo a autora, “o embrião em torno do qual as mudanças na educação ocorrerão.” (p.108).

Síntese: O tema 2.1. **A lógica do ensinar e aprender** destacou o papel da linguagem no processo de aprendizagem, indo ao encontro da teoria Vigotsky. Contudo, para que a linguagem se torne a argamassa que construirá o conhecimento na *web* é preciso que se desenvolvam as comunidades virtuais de aprendizagens.



Glossário

Cibercultura: Relação entre as TIC e a cultura, emergentes na década de 70. Significa uma nova relação entre tecnologias e a sociabilidade.



Atividade

Com base no link a seguir, dê sua contribuição no Fórum 2 de discussão

http://www.gargantadaserpente.com/artigos/helio_consolaro.shtml, acessado em 06/09/2016.

O segundo tema desta unidade tem como objetivo discutir o papel do professor nesta nova modalidade. Seus atributos, perfis e competências, trazendo ao diálogo o fazer mediatizado pelas TIC.

2.2.1. As novas competências

Em face desta radical e estrutural alteração exigida pela metodologia EAD, o papel do professor transmuta-se. Dele é exigido saber mediar essa polifonia e para tanto ele deve, em linhas gerais, apresentar os seguintes atributos (ALMEIDA, C. V. A, 2008)

- a) Pressupor a participação-intervenção dos alunos, sabendo que participar é muito mais que responder “sim” ou “não”, é muito mais que escolher uma opção dada; participar é atuar na construção do conhecimento e da comunicação;
- b) Garantir a bidirecionalidade da emissão e recepção, sabendo que a comunicação e a aprendizagem são produzidas pela ação conjunta do professor e dos alunos;
- c) Disponibilizar múltiplas redes articulatórias, sabendo que não se propõe uma mensagem fechada, ao contrário, se oferece informações em redes de conexões, permitindo ao receptor ampla liberdade de associações, de significações;

- d) Engendrar a cooperação, sabendo que a comunicação e o conhecimento se constroem entre alunos e professor como co-criação e não no trabalho solitário;
- e) Suscitar a expressão e a confrontação das subjetividades, sabendo que a fala livre e plural supõe lidar com as diferenças na construção da tolerância e da democracia.

Estas habilidades permitem ao professor aproveitar ao máximo o potencial das novas tecnologias em sala de aula. Assim, de acordo com Silva (2003, p. 83 apud ALMEIDA, 2008), o professor será um formulador de problemas, provocador de situações, arquiteto de percursos, mobilizador das inteligências múltiplas e coletivas na experiência do conhecimento e ampliação das possibilidades de aprendizagem.

Como o eixo pedagógico dessa modalidade de ensino se baseia na interatividade a lógica do processo ensino-aprendizagem se faz de forma não linear e o conhecimento vai sendo construído de forma não hierárquica. Conforme Passos (2003, p.344, apud ALMEIDA, 2008), a visão do currículo trabalhada pelo professor EaD tem fundamento na concepção hipertextual. O hipertexto é caracterizado por “ligações e nós constantemente refeitos na dinâmica das relações de troca de saberes, marcado por percursos não-lineares e por conhecimentos não hierárquicos, em negociação constante com os sujeitos”.

Neste sentido, conforme Levy (1998), o professor torna-se a referência para orientar seus alunos, seja individualmente, seja incentivando a construção coletiva. “Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento”.

A plataforma MOODLE é um bom exemplo de atuação docente baseado na interatividade, pois promove o gerenciamento de grupos de estudos virtuais (através da Internet) disponibilizando para alunos e professores funcionalidades de interação e apoio ao ensino a distância, tais como: fóruns de discussão, *chats*, repositório de aulas e de documentos, armazenamento e acompanhamento de notas, dentre outras funções típicas de uma sala de aula convencional.

Mas do que trata esse gerenciamento? Para adentrar e atuar no universo EAD, o professor precisa perceber que há uma emergência quanto ao redimensionamento do seu perfil. No ensino presencial o professor dá *feedback* visual e auditivo aos alunos. Este tipo de *feedback* não está presente na modalidade EAD. Como lidar com isso? Ele não tem noção se o aluno está atento, com sono, com dificuldade de concentração, por exemplo. Esta subjetividade não lhe é revelada no ensino a distância. Nele surgem outros símbolos, outros códigos de linguagem e convivência. O *feedback* é eminentemente textual e deve ser dinâmico e isto geralmente implica um maior esforço a ser empreendido pelo

professor para promover um *feedback* aos alunos sobre as suas dúvidas, em tempo hábil e com a qualidade desejada.



Sabendo um pouco mais

O feedback é eminentemente textual e deve ser dinâmico e isto geralmente implica um maior esforço a ser empreendido pelo professor para promover um feedback aos alunos sobre as suas dúvidas, em tempo hábil e com a qualidade desejada.



Atividade

Vale a pena, pela praticidade, apresentar a contribuição de Smith (2005) em seu artigo, cujo site se acha disponível para consulta nas referências. Algumas competências (das 51) por ele listada, seriam:

1. Agir como facilitador da aprendizagem ao invés de apenas transmitir conhecimentos.
2. Evitar sobrecarregar os novos estudantes no início do curso.
3. Se disponibilizar a contatar estudantes que não estão participando.
4. Adotar uma postura permanente de aprendizagem.
5. Criar uma atmosfera cordial e convidativa que propicie o desenvolvimento de um senso de comunidade entre os participantes.
6. Definir critérios de participação e pontuação.
7. Estimular a reciprocidade e a cooperação entre os estudantes.
8. Enfatizar a importância dos prazos.
9. Incentivar os estudantes a trazerem exemplos de sua vida real para o curso.

10. Avaliar a si próprio.
11. Dar *feedback* imediato.
12. Manter o domínio da tecnologia empregada.

Naturalmente percebe-se que ao professor compete tecer a linha da rede que unirá todos os participantes de forma proativa e eficaz, mediando, sensibilizando, emocionando através de suas palavras textuais, principalmente.

2.2.2- O professor EaD e os novos espaços de aprendizagem



Ilustração: Letícia Rodrigues

A transmissão de conhecimento deu lugar à interatividade no contexto da educação, seja ela presencial ou virtual. Porém, é fundamental que o docente on-line compreenda que o contexto da EAD é repleto de novos significados e de novos signos que vão desde a seleção de artigos fomentando a hipertextualidade, à gravação de vídeos-aula, à interação constante no Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA algumas em tempo real.

E como agir frente a todas estas demandas e linguagens com as quais o docente não imaginava ter que lidar?

Primeiramente o professor deverá ter consciência do seu novo *locus*. Dentre os vários autores que refletem sobre esse assunto cabe citar José Manoel Moran. Em um artigo intitulado: “Novas questões que a educação online traz para a didática” o autor afirma que:

O professor on-line precisa aprender a trabalhar com tecnologias sofisticadas e tecnologias simples; com Internet de banda larga e com conexão lenta; com videoconferência multiponto e teleconferência; com softwares de gerenciamento de cursos comerciais e com software*s livres. Ele não pode acomodar-se, porque a todo o momento surgem soluções novas e que podem facilitar o trabalho pedagógico com os alunos. Soluções que não podem ser aplicadas da mesma forma para cursos diferentes. (MORAN,2003,p.43)

Verifica-se, portanto, que a educação virtual se desencarrega do seu papel político-social e o ambiente virtual deve ser encarado como desafiador e encantador.

De acordo com Riccio (2010); De acordo com Riccio (2010); ... Miguel Zabalza (2004) argumenta que “um dos aspectos mais críticos dos professores (em todos os níveis do sistema de educação) tem sido justamente o de ter uma identidade profissional indefinida” (p.107). Segundo o autor, o exercício da docência, no ensino superior, não é visto como uma atividade profissional, prevalecendo uma visão que compreende a docência como uma atividade estritamente prática para a qual não são necessários conhecimentos específicos, exceto aqueles referentes aos conteúdos abordados.

A grande oferta de cursos on-line trouxe um agravamento da situação. Mesmo o docente sentindo-se à vontade com o conteúdo a ser abordado (objeto de estudo e experiência dos seus longos anos de atividade profissional), na maioria das vezes ele desconhece as peculiaridades e especificidades da atuação na docência on-line, principalmente se estamos pensando numa perspectiva que considere a rede como elemento de fortalecimento dos processos de produção de culturas e de conhecimentos e não como mera distribuidora de informações.

Com o objetivo de refletir sobre essa questão, retomamos a experiência docente que, se analisada no processo, pode vir a se constituir em importante elemento de sua própria

formação. A experiência do docente como parte do seu processo formativo é, assim como propõe Jorge Larrosa (2001, 2005), refletir mais sobre a própria docência on-line e as possibilidades do estabelecimento de redes de comunicação, formação e aprendizagem que articulem de forma intensa os diversos níveis da educação.

E a professora continua: A montagem de redes comunicacionais, a partir da docência on-line, demanda um conjunto de saberes que não estão disponíveis sem um aprofundamento teórico do tema, uma vez que não nos basta, simplesmente, transpor as estratégias pedagógicas de uma educação pautada na transmissão – prática ainda hegemônica na educação presencial – para a docência on-line. Nesse sentido, Socorro Pereira (2008) mapeou um conjunto de saberes fundamentais para a atuação on-line do docente: mediação pedagógica, interatividade, colaboração, virtualização e saberes tecnológicos, destacando ainda que “a construção desses saberes requer a imersão dos docentes no contexto da cibercultura, aprendendo com o movimento não linear do hipertexto, saltando de um nó a outro, intervindo, modificando produzindo e colaborando” (p.195). O que se busca, em verdade, é compreender os novos desafios da educação e da docência on-line justamente inseridas na chamada cibercultura, com o

objetivo de estabelecer redes comunicacionais de formação e aprendizagem que possibilitem uma educação dialógica e crítica.

O que se depreende da fala da prof^a Riccio (2010, p.100) é que urge ao docente dedicar-se a uma atividade mais dialógica, onde é intensa a prática da interação, aliás, como diz a própria professora “na verdade, essa é uma questão que perpassa a Educação independente da sua modalidade ou das tecnologias que utiliza”.

Veja tese da professora e outros materiais completos na biblioteca digital da UFBA.



2.2.3 A relação professor-aluno

Como o professor e o estudante devem se relacionar no espaço virtual, uma vez fica suprimida a relação auditiva e visual, sentidos importantes no relacionamento interpessoal? Sobre este assunto, extraímos um recorte do artigo que a professora Teresinha Fróes Burnham desenvolveu com outros professores da Faculdade de Educação intitulado: O uso de ambientes virtuais de Aprendizagem numa perspectiva de autogestão, disponível no site do MOODLE da UFBA.

O papel do professor em espaços interativos virtuais é outro objeto de muitas reflexões. Silva (2002), por exemplo, argumenta que cabe a este tecer uma rede de aprendizagem através do

envolvimento dos alunos, da ação coletiva. Ele não deve mais se posicionar como o detentor do saber, enfocando as atividades a partir da sua récita, do seu falar/ditar. Em contraste, assume ser aquele que disponibiliza a experiência do conhecimento, cria possibilidades de envolvimento, oferece ocasião de engendramentos e estimula os alunos a serem coautores das suas ações, mobilizando articulações entre os diversos campos de conhecimento – tomados como rede inter/transdisciplinar – ao tempo em que estimula a criatividade dos alunos, considerando suas disposições sensoriais, motoras, afetivas, cognitivas, culturais, intuitivas, etc.

Para que o professor consiga romper com a lógica da comunicação centrada apenas na emissão–recepção, trabalhada de forma unidirecional, onde o aluno é visto como receptor passivo da informação, Silva (2002) propõe a criação de múltiplos dispositivos que permitam a intervenção do interlocutor, provocando assim que os partícipes se posicionem como coautores da interação.



Sabendo um pouco mais

http://www.antigoMOODLE.ufba.br/file.php/1/MOODLE_1911_web.pdf

Acesso em: 06/07/2016

Conforme corroborado por Konrath et al. (2009,p.3)

A perspectiva da mediação pedagógica pressupõe que o professor assuma um novo papel no processo de ensino-aprendizagem no qual ele medeia as interações do aluno com o objeto de estudo/conhecimento. Além disso, o uso das tecnologias é pensado como forma de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficiente e eficaz no sentido de que a aprendizagem realmente aconteça e seja significativa.

Ainda conforme as autoras, o professor, a partir da mediação pedagógica, é aquele que organiza, planeja e aglutina questões que apareceram ao longo de sua prática pedagógica sistematizando-a de forma a garantir o domínio de novos conhecimentos pelo grupo de alunos. E isto significa incentivá-los a construir o seu próprio conhecimento, desenvolvendo no sujeito da aprendizagem a autoconfiança.

Mas o professor não está sozinho neste empreendimento, ele pode contar na EAD com os tutores que apoiam o trabalho docente, através da interação cotidiana com os estudantes. De acordo com Konrath *et al.* (2009, p.4) eles, os tutores, “são o elo entre a relação professor, curso e aluno”.

As professoras dissertam também sobre o papel do aluno, sendo ele o sujeito que, através de suas interações com o objeto de estudo/conhecimento e com seus colegas, tutor e professor, aprende. Na medida em que ele também é produtor do conhecimento, ele se apropria e cria cultura no espaço virtual, na sala de aula. Nesta abordagem, digamos construtivista, os conteúdos são importantes apenas como pano de fundo para entender como é o mundo e suas relações e o processo de avaliação leva em conta o que é produzido de forma individual e coletiva, ao longo do trabalho realizado e não mais a partir de um resultado final.

E como muito bem colocado pelas professoras, “o aluno precisa aprender o que é ser aluno virtual e que isso implica em comprometer-se, organizar-se, ter iniciativa, autonomia e disciplina”. (KONRATH *et al.*, 2009, p.6).



Dica

Em síntese, a relação professor/tutor-aluno deve denotar trabalho em conjunto para a construção do conhecimento. O professor acolhendo intelectualmente e, sobretudo, emocionalmente o aluno que está distante fisicamente e o aluno, sentindo-se pertencer ao grupo desenvolverá a auto-estima e auto-confiança necessárias para tornar o processo de aprendizagem virtuoso.



Síntese: O tema 2.2 **O papel do professor** dialogou com autores que enfatizaram a necessidade de o professor ajustar-se, seja pela via das competências exigidas, seja por seu comportamento, à nova lógica de aprender e ensinar com as TIC. Cabe ao professor envolver o aluno numa rede de conhecimentos.



Atividade

Comente a seguinte reflexão no fórum de discussão:

Muitas vezes o que mais dificulta a interatividade em ambientes virtuais é o próprio professor. Na medida em que o professor não tem bem presente o quanto ele deve ser interativo para, assim, estimular/motivar seus alunos a serem cada vez mais interativos, o processo tende a ir arrefecendo, ‘esfriando’ (FARIA,2006).

2.3 A tutoria em EaD

O terceiro tema dessa unidade pretende refletir sobre a importância da tutoria na mediação do processo de ensino-aprendizagem, ressaltando as competências exigidas e seu importante papel de acolhimento ao aluno.

2.3.1.0 trabalho do tutor na EaD

De acordo com Maggio (2001), o tutor aparece como o guia, protetor de alguém, enquanto o professor é aquele que ensina. Assim relata a professora, nas “perspectivas tradicionais da modalidade a distância, era comum sustentar que o tutor dirigia, orientava, apoiava a aprendizagem dos alunos, mas não ensinava” (MAGGIO,2001,p.95).

Maggio (2001) segue em sua definição asseverando que nas perspectivas pedagógicas mais atuais, alimentadas pelo produto de trabalhos de pesquisa no campo da didática, o docente cria propostas de atividades para reflexão, apoia sua resolução, sugere fontes de informação alternativas, oferece explicações, favorece os processos de compreensão;

isto é, guia, orienta, apoia, e nisso consiste seu ensino. O que parece como uma contradição nada mais é do que o reflexo de uma profunda mudança nas concepções pedagógicas que se encontravam na origem da modalidade a distância.

Para a professora, dada a falta da presença sistemática do docente, o lugar de ensino assim definido ficava a cargo dos materiais, pacotes autossuficientes, fortemente sequenciados e pautados, cujo desenvolvimento concluía-se com uma proposta de avaliação semelhante em sua concepção de ensino. A tarefa do tutor consistia em assegurar o cumprimento dos objetivos, oferecendo um apoio que, da perspectiva do programa, incorporava mais uma variável para o controle e para o ajuste dos processos. Onde a modalidade se definia pela mediatização, pela autossuficiência dos materiais e pelo autodidatismo, assumiu-se que eram os materiais que ensinavam, e o lugar do tutor passou a ser o de um “acompanhante” funcional para o sistema.

Pois bem, as mudanças nas concepções pedagógicas conduziram o ato de ensinar pelo apoio à construção de conhecimento, assim como dos processos reflexivos em geral. Maggio elenca as seguintes alterações que levaram o repensar da prática educativa em EAD e do papel do tutor.

Entre elas, destaca-se a necessidade de dar atenção a questões como:

- Os saberes prévios relativos à cotidianidade, às pautas culturais nas quais estamos imersos e aos conhecimentos adquiridos previamente na escola, com especial referência às concepções errôneas.
- Os processos cognitivos individuais e os processos de conhecimento compartilhado, como saberes acerca da maneira de conhecer, de como se aprende com os outros e de como se pode ajudar os outros a conhecer.
- A centralidade e relevância outorgadas aos conteúdos do ensino, substituindo-se o interesse pela estruturação lógica de tais conteúdos.
- As questões autênticas, centrais nas disciplinas, que dão lugar à construção de novos conhecimentos.
- As formas narrativas do conhecimento, que nos permitem construir nosso saber acerca da realidade desde a mais remota infância, e as metáforas, que nos ajudam a entender e imaginar.

- Os problemas ou as situações concretas para resolver, que colocam nossas questões de um modo diferente, essencialmente prático.

Assim, o papel do tutor seria o de promover a realização de atividades e apoiar sua resolução, e não apenas mostrar a resposta correta, oferecer novas fontes de informação e favorecer sua compreensão.

Para esclarecer o papel do tutor, Maggio (2001, p.100) exemplifica:

Um aluno assiste à tutoria presencial em um curso universitário a distância. Ele leu o material bibliográfico e ocorreu-lhe uma série de perguntas que ele anotou para tratar com o tutor. Diante dessa situação, o tutor poderá:

- a. Não as responder;
- b. Dar respostas pontuais às perguntas formuladas;
- c. Explicar os fundamentos das respostas;
- d. Remeter aos textos ou às fontes bibliográficas;
- e. Sugerir aos alunos que comparem suas perguntas e as categorizem;
- f. Analisá-las como interrogações – quais entre os pressupostos que envolvem são centrais para a disciplina em questão, que concepções prévias puserem em jogo, que erros de compreensão;
- g. Sugerir estratégias gerais para a abordagem de questões – análise das perguntas, formulação de hipóteses acerca de possíveis respostas, consulta a fontes, comparação de materiais diversos, busca de fontes alternativas de informação, etc.;
- h. Reformulá-las, colocando questões mais autênticas no marco da disciplina, mais inclusivas ou mais complexas do ponto de vista cognitivo.

Para Maggio (2001), o bom tutor deveria ter claro que o sentido didático de cada uma dessas intervenções é diferente e escolher uma delas implica num alto grau de conscientização de suas consequências. A autora delimita as intervenções do tutor subordinadas a três dimensões de análise: tempo; oportunidade; risco. Para ela, o tutor não pode dizer “Amanhã continuamos”. Na realidade, não deve dizer isso. Na modalidade a distância, cujos níveis de retenção estão muito abaixo daqueles da educação presencial, “amanhã” pode ser “nunca”. Mesmo no caso dos alunos que não desertaram, poderia ocorrer de não voltarem a assistir a uma tutoria ou a consultar o tutor através do meio pausado para fazê-lo. A estes, a postergação poderia condenar ao fracasso. E de fato é neste momento que o tutor pratica a presencialidade do ensino a distância, aliás dimensão, e não raro, razão dos elevados níveis de evasão da modalidade.



Dica

Na modalidade a distância, cujos níveis de retenção estão muito abaixo daqueles da educação presencial, “amanhã” pode ser “nunca”.

Maggio, em sequência, propõe duas possíveis combinações das alternativas apresentadas no caso:

1. explicar os fundamentos dessas respostas e remeter aos textos ou às fontes bibliográficas;
2. não as responder e analisá-las como interrogações – quais entre os pressupostos que envolvem são centrais para a disciplina em questão, que concepções prévias puserem em jogo, que erros de compreensão.

Mas a segunda leva tempo e, na EAD, a urgência posterga a opção pela compreensão. Assim a habilidade do tutor está em dedicar o máximo de seu tempo a enriquecer seus estudos e a formação do tutor deve contemplar esse aspecto. Além disso, representa uma excelente oportunidade de incentivar o aluno a, através das pistas que o tutor apresente, buscar aprofundamento do tema.

Então, como, em termos de conhecimento, o tutor se diferencia do professor, do docente responsável pela disciplina? Sem dúvida o tutor deve ter formação básica no curso sobre o qual ele prestará tutoria e, seus conhecimentos, não devem ser diferentes dos que precisa um bom docente.

A fundamentação da prática pedagógica em teorias de base cognitivista faz com que o trabalho de tutoria se revista de uma maior importância, na medida em que traz o entendimento da insuficiência da interação com o material didático para a aprendizagem do aluno. A presença do professor/tutor, sua fala, questionamentos, indagações e desafios são mediações fundamentais para que seja estabelecida uma relação educativa verdadeira. (RIBEIRO, NEVES, 2007, pág. 55)

2.3.2. Competências / Habilidades e Atitudes desejadas ao tutor

Antes de enfocarmos especificamente as competências mínimas exigidas ao tutor convém conhecer melhor os conceitos de competências e habilidades.

Conforme Konrath *et al.* (2009, p.6),

Ser competente significa ter condições de julgar, avaliar e ponderar para solucionar problemas ou decidir entre opções. O sujeito precisa ter conhecimentos que o permitam resolver ou enfrentar com sucesso uma determinada situação, desta forma é preciso que o mesmo utilize-se de seus conhecimentos ou saiba como buscá-los para utilizá-los em momentos que estes sejam necessários.

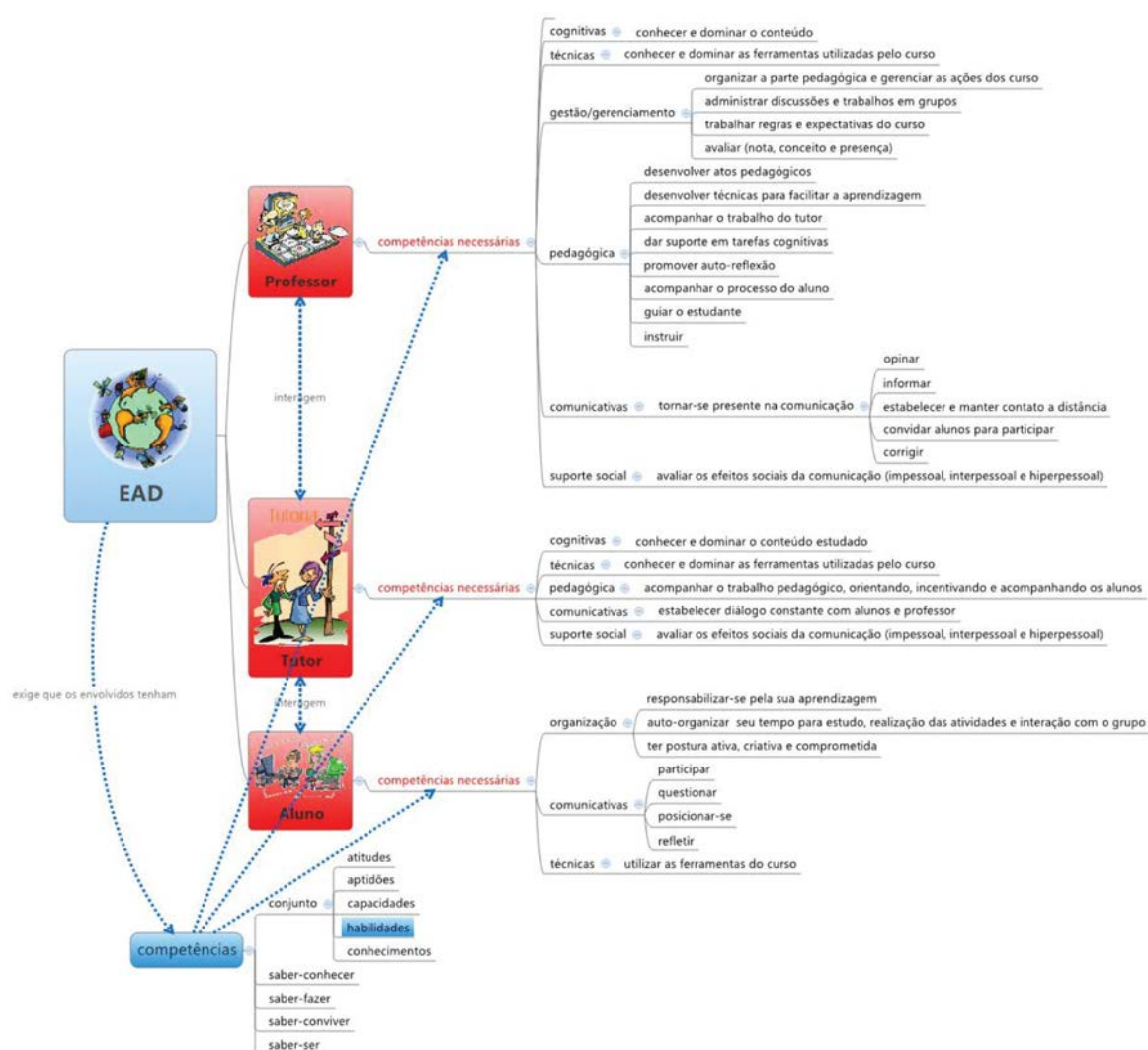


Figura 1 – Mapeamento das competências mínimas necessárias para os papéis de professor, tutor e aluno.

Fonte: Konrath *et al.* (2009, p.7).

Já as habilidades, devem ser desenvolvidas para justamente buscar as competências. Autores como Moretto (2002, apud KONRATH *et al.* (2009), exemplificam habilidades como a capacidade de identificar variáveis, compreender fenômenos, relacionar informações, analisar situações-problema, sintetizar, julgar, correlacionar e manipular.

A figura 1 extraída de Konrath *et al.* (2009) é bastante elucidativa para discriminar as competências de cada papel desempenhado pelos sujeitos envolvidos na prática pedagógica da EAD.

Como forma de sistematizar a leitura do modelo ilustrado na Figura 1, observemos que as competências de cada um dos atores envolvidos com a EAD foram aglutinadas em categorias: cognitivas, técnica, gestão, pedagógicas, comunicativas e suporte social. Especificamente com relação ao tutor, a categoria pedagógica espelha a competência de acompanhar o trabalho pedagógico, orientando e incentivando os alunos, o que significa estar cotidianamente interagindo com os estudantes dirimindo dúvidas de ordem conceitual, técnica (funcionamento do curso no AVA) e de ordem administrativa. Já para o professor este domínio refere-se ao uso de atos pedagógicos, técnicas para facilitar a aprendizagem, acompanhamento do trabalho do tutor e do processo do aluno, suporte em tarefas cognitivas, promoção de autorreflexão, responsabilidade por instruir e guiar o aluno (KONRATH *et al.*,2009).

Uma das competências mais importantes exigidas ao tutor é a comunicativa. É da competência do tutor impedir que se desvele a sensação de “abandono” não raramente verbalizada pelos alunos. Para tanto o papel do *feedback* constante, nem que seja para dar um “ok, vou olhar seu questionamento e te responderei assim que for possível” (se comprometendo com o aluno) desperta no estudante a sensação de pertencimento, de acolhimento e de conforto.



Dica

O papel do tutor é constante, nem que seja para dar um “ok, vou olhar seu questionamento e te responderei assim que for possível” (se comprometendo com o aluno) desperta no estudante a sensação de pertencimento, de acolhimento e de conforto.

O suporte social diz respeito aos indícios/efeitos de como ocorre a comunicação social, principalmente não verbal, na sala de aula virtual. (LITO e FORMIGA, 2009 apud KONRATH *et al.*,2009). Esta categoria envolve competências que visam promover a solidariedade do grupo e também acolhimento emocional do estudante.

2.3.3 A importância da presencialidade

Na EAD a distância é apenas física, mas a proposta pedagógica desvela uma dimensão que independe da distância física, que é a presencialidade. É o estar presente nos contatos auditivos (podcast), visuais (videoaula) e principalmente textuais (mensagens, *chats*, fóruns), que o tutor valida a presencialidade do modelo de Educação a Distância. E, para tanto, o papel do tutor é fundamental, pois é ele que cotidianamente está em contato com o aluno, fazendo-o sentir-se parte do curso e da instituição que representa. A este respeito, as professoras Antônia Maria Coelho Ribeiro e Maria Cristina Baeta Neves (2007) são enfáticas quando discorrem sobre a afetividade, categoria fundante da presencialidade em EAD.

Um dos aspectos impulsionadores da aprendizagem é a afetividade, que, mais do que despertar, mantém o interesse de uma pessoa em algo, pois a força afetiva é muito mais importante do que se pode perceber numa observação rápida e deve ser mais bem compreendida e utilizada pelos professores em geral. A um tutor, são necessárias a sensibilidade, a afetividade e a receptividade, pois uma educação que se realiza a distância não significa que deva estar distanciada do relacionamento humano (grifo nosso). A empatia com seus interlocutores é necessária, porque, ao captar as incertezas dos alunos, suas ansiedades e inseguranças, a tutoria se aproxima deles e aumenta a possibilidade de uma interação mais eficaz. Se a interação facilita a manifestação das carências e das vontades, facilita, portanto, também o conhecimento dos aspectos cognitivos e emocionais da aprendizagem, contribuindo para aperfeiçoar as habilidades na resolução de problemas em qualquer área do conhecimento. (RIBEIRO, NEVES, 2007, p.54)

A forma construtivista de conhecimento à qual estamos nos alinhando, prevê a importância do material didático, mas reconhece como insuficiente à aprendizagem de cada aluno. Por isso o processo de aprendizagem precisa ser complementado pela mediação da tutoria. É dado ao estudante mais do que os procedimentos administrativos e cognitivos: ele recebe, também, orientações que o incentivam a superar suas dificuldades, com o objetivo de permanecer no processo e continuar avançando na construção do seu conhecimento, de acordo com o seu ritmo de aprendizagem e o seu estilo cognitivo. (RIBEIRO, NEVES, 2007)

Não existem muitos estudos e pesquisas, no Brasil, pelo menos publicados, acerca da evasão em programas de EAD. Sabe-se, no entanto, que dentre as possíveis razões que podem levar o aluno a evadir de um curso está, sem dúvida, a falta de um acompanhamento sistemático e mais próximo ao aluno por parte da tutoria. (RIBEIRO, NEVES, 2007)

Muitas das causas da evasão escolar na EAD podem ser evitadas, especialmente se estiverem relacionadas à organização do curso e/ou se forem decorrentes de falta de interesse e de motivação dos alunos. Cabe ao tutor, então, uma parcela significativa de responsabilidade quanto à permanência dos alunos, o que implica a realização de um trabalho de reestruturação do curso, baseado em sua avaliação, e/ou um trabalho permanente de facilitação e de orientação da aprendizagem de cada aluno, por meio de apoio pedagógico; de acompanhamento sistemático do seu desempenho e de criação de espaços para troca de experiências entre os participantes. Tudo isso exige, portanto, uma atuação permanente e dinâmica, alerta às dificuldades ou limites impostos aos alunos ao longo do seu processo de aprendizagem. (RIBEIRO, NEVES, 2007, 63-64)

Dentre as estratégias mais efetivas que visam desenvolver a autonomia pedagógica por parte de quem aprende, cabe destacar a inserção de momentos presenciais individuais ou grupais para a elaboração de trabalhos. Trabalhos em grupo para que os alunos tenham a oportunidade de desenvolver suas habilidades comunicativas, de liderança, de negociação e de resolução de problemas em equipe. É no trabalho grupal (presencial ou virtual) que se integram e articulam conteúdos.

Uma aprendizagem que se pretende participativa não pode prescindir de dispor de um espaço para o desenvolvimento da argumentação entre os sujeitos, já que é no desenvolvimento da capacidade de argumentar do aluno que está uma das principais manifestações formais da dimensão política da aprendizagem. Colocando-se, ele faz valer a sua opinião. Escutando o outro, ele aprende a respeitar e a valorizar outras opiniões, pontos de vista que, se não o fazem aprender com o outro, fazem-no, no mínimo, reafirmar seu próprio posicionamento. Assim, a comunicação tutor-aluno e aluno-aluno é uma condição básica para que a aprendizagem ocorra. Cabe ao tutor o desempenho da função de mediação e provocação de aprendizagens capazes de suscitar no sujeito a realização de interações que o façam se desenvolver como cidadão e profissional.

Seja por exigências legais, seja pela demanda dos próprios alunos ou pelas próprias características dos cursos, o fato é que a maior parte dos programas de EaD planejam a ação da tutoria em momentos de interação, que se concretizam por ocasião de encontros e seminários, quando o aluno se comunica ao vivo com o (s) tutor(es) e outros alunos. Esses momentos devem ser vistos como oportunidades para troca de experiências, trabalhos em grupo, aprofundamento de conteúdos, esclarecimento de dúvidas, apresentação de trabalhos e, até mesmo, de avaliação. Como os momentos presenciais se assemelham a atividades de sala de aula, eles merecem um tratamento igual a uma aula presencial, isto é, devem seguir um plano de aula elaborado para atender a seus propósitos.



Comentário

Dimensão política da Aprendizagem:

Colocando-se, ele (o aluno) faz valer a sua opinião. Escutando o outro, ele aprende a respeitar e a valorizar outras opiniões, pontos de vista que, se não o fazem aprender com o outro, fazem-no, no mínimo, reafirmar seu próprio posicionamento.

Qualquer que seja o caminho escolhido para desenvolver o trabalho tutorial, o importante é que a instituição se abra para a realização de atividades presenciais, não apenas aquelas exigidas por lei para a realização de avaliação, mas objetivando esclarecer dúvidas, discutir coletivamente os pontos de maior interesse do grupo ou mesmo desenvolver sua integração. É preciso, contudo, lembrar que, apesar da conveniência pedagógica, em muitas situações a inclusão obrigatória de momentos presenciais inviabiliza a participação no curso de estudantes que residam longe da localidade do encontro, reduzindo, desta forma, o público-alvo potencial da respectiva programação. Esta variável deve ser levada em conta no momento de planejar a inclusão de atividades presenciais.

Síntese: Item 2.3: **A tutoria em EaD.** Este item pretendeu ressaltar a importância da mediação do tutor, como competência imprescindível para auxiliar no desenvolvimento cognoscitivo do aluno, mas também para atuar psicologicamente contra a sua sensação de abandono.



Atividade

Faça uma pesquisa em sites, visando localizar três comunidades virtuais de aprendizagem (do tipo AVA diferentes, blogs interativos, etc) e, em seguida, identifique os principais temas tratados por seus membros. Localize as formas de mediação e intervenção desenvolvidas pelo tutor a distância neste espaço de aprendizagem (nos fóruns, por exemplo).

Poste suas análises no Fórum da disciplina!

2.4 – O papel do aluno

Nesta sessão abordaremos atitudes essenciais que dependem exclusivamente do estudante, sujeito da aprendizagem, para alcançar o seu objetivo. Abordaremos questões como a autonomia, comunicação e reflexão e a construção coletiva do conhecimento.

2.4.1 Autonomia

Será que todos nós conseguimos aprender a distância? Este é um questionamento válido quando está em jogo atitudes individuais como autonomia, disciplina e comprometimento.

Retomemos à Figura 1– Mapeamento das competências mínimas necessárias para os papéis de professor, tutor e aluno. Notem que a primeira competência exigida ao aluno é a organização. Organizar-se para o alcance de um objetivo denota responsabilizar-se pela sua atividade, o que significa cumprir a parte que lhe cabe no processo ensino-aprendizagem, ou seja, ler o material, fazer os exercícios, interagir nos fóruns de discussão, fazer as avaliações, atividades mínimas que o despertarão para a construção do conhecimento.

A segunda é disponibilizar tempo para se dedicar aos estudos. O aluno disciplinado irá reservar de 2 a 3 horas por dia para se desincumbir da tarefa, no horário que mais lhe interessar, sendo esta uma das grandes vantagens da EAD (flexibilidade e liberdade).

Mas é preciso demonstrar persistência e perseverança diante das dificuldades de estudo. O aluno, neste caso, buscará na sua autonomia, inclusive sendo proativo ao buscar contato com o seu tutor/professor para elucidar suas dúvidas.

E por fim e como consequência, se comprometer com o que ele escolheu. Comprometer-se significa dedicação, seriedade, cumprimento de cronograma e disciplina. A alternativa de estudar a distância está posta e apresenta inúmeras vantagens, mas construir uma autonomia de aprendizado não é algo fácil. Se o aluno não colocar esta questão em perspectiva, dificilmente terá sucesso em seu processo de aprendizagem.

Para discorrer sobre autonomia tomemos recortes do texto do professor Antônio Carlos Ribeiro da Silva, professor da Faculdade de Ciências Contábeis - UFBA, intitulado Educação a Distância e o seu Grande Desafio: o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem².

² Artigo publicado em abril de 2004, na FABAC – Faculdade Baiana de Ciência. <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/012-tc-a2.htm>, acessado em 07/09/2016.

“Em oposição a uma prática conservadora, tradicional e tecnicista surge a aprendizagem autônoma, tema que de início sugere três questionamentos:



Questionamentos

O que é aprendizagem autônoma ?

Para que serve?

Em que situação é desejável ou necessária?

Respondendo à primeira pergunta carecemos de definir o que é autonomia, que no momento presente é bastante utilizada, significando no verbete da nossa língua “faculdade que tem o indivíduo de governar, de se decidir.”

Transportando-se para a aprendizagem autônoma, está implícito que, nesse processo o aluno deve ser responsável pela sua aprendizagem, o que não está subentendido a eliminação do professor na gestão de atividade de ensino. No Ensino a Distância essa atitude do aluno é inevitável para desenvolver o seu espaço do aprender, pois a mesma é essencialmente auto estudo.

Para saber como o indivíduo aprende, devemos saber como pensa o educador, o ser que somos é um ser em aberto e o educador precisa desenvolver possibilidades de investigação, sair da ideia de senso comum e permitir que o outro aja com a sua singularidade. Pacheco (1996) comenta que o Aprender a aprender é o objetivo mais ambicioso e ao mesmo tempo irrenunciável da educação escolar – equivale a ser capaz de realizar aprendizagens significativas por si mesmo numa ampla gama de situações e de circunstâncias.

Para o desenvolvimento de uma aprendizagem autônoma, o educador deve, mesmo que seja difícil, mas se for desejável, assumir uma posição de renúncia ao poder oferecido pelo próprio “lugar” de professor – aquela posição que permite a alguém controlar outros, no caso, os alunos.

Galeffi (2002, p. 17) afirma que:

“Só se aprende o que se mostra necessário no pensar-se. Só o necessário pode ser aprendido em seu evento”.

A Segunda questão é de ordem prática e não constitui tarefa difícil de respondê-la, visto que são inúmeras as vantagens da aprendizagem autônoma para o aluno e o professor.

É nesta concepção que HAIDT (1994:61) afirma que:

quando o professor concebe o aluno como um ser ativo, que formula ideias, desenvolve conceitos e resolve problemas de vida prática através de sua atividade mental, construindo, assim, seu próprio conhecimento, sua relação pedagógica muda. Não é mais uma relação unilateral, onde um professor transmite verbalmente conteúdos já prontos a um aluno passivo que o memorize. A utilização dessa alternativa é aconselhável, mesmo que alguns admitam a inexistência de ganhos pedagógicos (o que não concebemos), pois quando você alimenta no outro a potencialidade de crescimento ele busca sua independência e auto-afirmação e a aprendizagem ocorrerá não de forma dicotômica, distante e distorcida, mas pelo contrário, interligada e interdependente com todas as relações significativas mantidas com o aluno.

A utilização dessa alternativa é aconselhável, mesmo que alguns admitam a inexistência de ganhos pedagógicos (o que não concebemos), pois quando você alimenta no outro a potencialidade de crescimento ele busca sua independência e autoafirmação e a aprendizagem ocorrerá não de forma dicotômica, distante e distorcida, mas pelo contrário, interligada e interdependente com todas as relações significativas mantidas com o aluno.

Essas questões nos remete a uma reflexão da necessidade de uma intervenção pedagógica construtivista propiciando nos educandos condições adequadas para que os esquemas de conhecimento, construídos pelos alunos, sejam os mais corretos e o professor não deve ficar na posição de mero transmissor de conhecimentos, pois no EaD esse modelo é obsoleto pois sua característica básica é a não convencionalidade em relação à sala de aula, das dimensões espacial e temporal e da relação professor-aluno.....

Esse poderia ser um caminho para melhoria do ensino brasileiro. Trabalhar a autonomia do ato de aprender independente de modalidade de ensino, proporcionar na verdade uma formação de indivíduos autônomo, crítico e criativo. Um cidadão que não pense de forma fragmentada, mas de forma global e sistematizada, só assim seremos sujeitos de nossa própria aprendizagem”.



Conceito

“Um cidadão que não pense de forma fragmentada, mas de forma global e sistematizada, só assim seremos sujeitos de nossa própria aprendizagem”.

2.4.2 Comunicação /Reflexão

Na Educação a Distância, o acesso a ferramentas multimidiáticas permitindo o desenvolvimento da interatividade desenvolve no aluno a visão crítica imediata (em função do *feedback*), a possibilidade de acesso instantâneo a um enorme volume de materiais, à estrutura não-linear do material didático, aos indicadores de progresso on-line, à possibilidade de repetição (quantas vezes for necessário).

Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Kátia Duarte nos apresenta com o artigo: Encontros e desencontros na formação aluno e do professor na Educação a Distância. De acordo com a professora, ao longo de um curso, os alunos interagem e aprendem. Realizam atividades de forma individual e coletiva, apropriando conhecimentos e realizando trocas. O processo de apropriação (que é individual) é favorecido pela interação e pela interatividade entre os integrantes do processo (conteúdo, professor, tutor e demais colegas). É o momento da reflexão, da organização das ideias, da produção. Na medida em que é externalizado o conhecimento, o aluno se torna coautor (na elaboração das tarefas, por exemplo).

A externalização do conhecimento, seja de forma dialógica, nos fóruns temáticos, seja nos trabalhos individuais e/ou coletivos, permite que o aluno desenvolva sua capacidade crítica-reflexiva, condição essencial para o sucesso do aprendizado em EAD. Esta, segundo a Figura 2 – Mapeamento das competências mínimas necessárias para os papéis de professor, tutor e aluno, é o segundo drive de competência exigida do aluno de EAD.

Não basta só esforço do professor/tutor instigando a participação no debate, mas o aluno deve ter uma atitude proativa se sensibilizando para a troca de ideias e conhecimento.

Segundo Aretio (1996, apud DUARTE), a idade média do aluno de EAD está na faixa de 25-50 anos, portanto adultos que decidem por uma educação continuada. São indivíduos

que já têm seus projetos de vida pessoais e sociais bem estabelecidos, e é em relação a eles que buscam o aprendizado; possuem interesses de adultos: ocupação, bem-estar, ascensão social e profissional, família e autoestima; normalmente, têm objetivos claros e concretos, valorizados e atuais de aprendizagem; a motivação para o estudo é espontânea, intensa e persistente; têm muita vontade de aprender com as situações escolares. Mas, em função do comportamento psicológico dos jovens adultos e adultos, Aretio (1996 apud DUARTE), ressalta que existem dificuldades que influenciam na aprendizagem do adulto: a insaciável curiosidade da infância, por conhecer coisas novas, diminui; a inteligência pode estagnar-se e a memória tende a diminuir; há decréscimo na rapidez de reação e das atitudes sensoriais e perceptivas; a aprendizagem tende a ser mais lenta do que em idades anteriores, sobretudo quando se refere à mudança de hábitos já consolidados; o cansaço e a escassez de tempo para dedicar-se ao esforço intelectual.

Por tanto, o planejamento de um curso EAD deve levar em conta o perfil de seus estudantes para que a interatividade possa se fazer presente. Para Resnick (1991, apud DUARTE), a aprendizagem é, antes de tudo, um processo social em que interações com o outro desempenham papel fundamental. A apresentação de um caso e sua análise ou apresentação de um problema para se resolver são, também, estratégias, a partir das quais o grupo pode analisar conceitos e procedimentos, chegando a situações de aprendizagem significativas.



Dica

O planejamento de um curso EaD deve levar em conta o perfil de seus estudantes para que interatividade possa se fazer presente.

Vale a pena lançar mão de Kensky (2003, p.119) a respeito da comunicação no ensino mediado pelas tecnologias.

Acredito que os processos de interação social e de comunicação são inerentes às atividades de ensinar. Estes processos não terminam ou se deterioram à medida que uma nova e fenomenal tecnologia surge. Pelo contrário, mesmo com tanto oferecimento de informações nas redes, com o aumento da velocidade das interações na web, ainda assim as pessoas se intercomunicam, trocam ideias e informações principalmente pela fala (linguagem oral) de

ensino, é inerente ao ser humano se comunicar. E as novas tecnologias dissipam a barreira da distância e do tempo para que se promova uma comunicação (linguagem escrita) muito mais dinâmica. O aluno que põe em perspectiva este fato estará, por seu turno, abrindo oportunidades maiores para o processo de aprender.

2.4.3 Construção coletiva do conhecimento

É ainda extraída de Kensky (2003, p.126) a importância dos trabalhos colaborativos.

Nos cursos semipresenciais e a distância as formas cooperativas e colaborativas de ensino baseadas no ambiente virtual podem ser utilizadas na maioria das atividades. Buscas temáticas on-line, fóruns, *chats* e muitos outros trabalhos vvdiferenciados podem ser feitos tendo como meta a interação e a comunicação entre todos os participantes. A utilização cada vez mais frequente de trabalhos em grupo via redes foi possibilitada após o desenvolvimento de vários softwares de produção escrita coletiva, como Wikis e GoogleDocs.

Orientadas pelo princípio da inteligência coletiva (termo criado por Pierre Levy), as atividades colaborativas de ensino correspondem “a reunião em sinergia dos saberes, das imaginações, das energias espirituais... de um grupo humano constituído como comunidade virtual” (KENSKY,2003, p.126 apud LÈVY,1999, p.130).

Lendo Kerckhove (KENSKY 2003, p.126), Kensky acrescenta informações para definir seu conceito de inteligências em conexão. Para o autor, a inteligência partilhada não é realmente “coletiva”, mas conectada. Para ele, a convergência do hipertexto, multimídia, realidade virtual, redes neurais etc., está nos nossos modos de comunicação, entretenimentos e trabalho. A Internet nos dá acesso a um entorno real, quase orgânico, de milhões de inteligências humanas perpetuamente trabalhando em algo e em muitas coisas que sempre têm uma relevância potencial para qualquer um e para todos os outros.



Imagem2

Ilustração: Letícia Rodrigues

E segundo Kensky, o conceito de *webness* caminha ao encontro do conceito de aprendizagem colaborativa. “Nas comunidades virtuais em que vigoram os princípios da aprendizagem colaborativa, cada membro do grupo é responsável pela sua aprendizagem e a aprendizagem dos demais participantes” (KENSKY 2003, p.126). Portanto, o conhecimento é visto como uma construção social e não individual e é por isso que os ambientes educacionais que propiciam a interação e a colaboração são ricos em possibilidades de crescimento do grupo.

Pesquisadores da Universidade de Évora (Portugal) que estudaram a aprendizagem colaborativa desenvolveram um quadro comparativo das principais diferenças entre a aprendizagem tradicional e a aprendizagem colaborativa.

Máximas sobre a aprendizagem tradicional	Máximas sobre a aprendizagem colaborativa
Sala de aula	Ambiente de aprendizagem (AVA)
Professor-autoridade	Professor-orientador
Centrada no professor	Centrada no aluno
Aluno: “ Uma garrafa a encher”	Aluno:” Uma lâmpada a iluminar”
Reativa, passiva	Proativa , investigativa
Ênfase no produto	Ênfase no processo
Aprendizagem em solidão	Aprendizagem em grupo
Memorização	Transformação

Tabela 5: Principais diferenças entre a Aprendizagem Tradicional e a Aprendizagem Colaborativa
 Fonte: KENSKY, 2003, p.127.

Em seguida, Kensky apresenta os elementos básicos de aprendizagem colaborativa de acordo com a pesquisa de Évora:

1. “A interdependência do grupo. Os alunos, como um grupo, têm um mesmo objetivo a perseguir e devem trabalhar eficazmente em conjunto para alcançá-lo. Primeiro, **os alunos são responsáveis pela sua própria aprendizagem (grifo nosso)**. Segundo, por facilitar a aprendizagem de todos os membros do grupo. Terceiro, por facilitar a aprendizagem de alunos de outros grupos. Todos os alunos interagem e todos contribuem para o êxito da atividade”.
2. “A interação. Um dos objetivos da aprendizagem colaborativa é o de melhorar competência dos alunos para trabalhar em equipe”.
3. “O pensamento divergente. Não deve haver nenhum elemento do grupo que se posicione ostensivamente como líder ou como elemento mais “esperto”, mas uma tomada de consciência que todos podem pôr em comum as suas perspectivas, competências e base de conhecimentos. As atividades devem ser elaboradas de modo que exijam

colaboração em vez de competição (tarefas complexas e com necessidade de pensamento divergente e criativo)”.

Tal análise vem ao encontro do drive comunicação (ver Figura 1), atitude esperada pelo aluno EAD. Uma atitude proativa, investigativa, curiosa, e com desejo de partilhar suas descobertas, enriquecerá o processo de aprendizagem do aluno EAD.

Para finalizar deixamos uma citação da professora Vani Kensky, especialista nesta área:

É participando, colaborando, reconhecendo e sendo reconhecido pelos seus pares, que a pessoa que atua intensamente da comunidade virtual sente o seu poder, desenvolve suas potencialidades comunicacionais, libera seus talentos. Mais ainda, socialmente integrada na equipe, a pessoa dimensiona sua participação de acordo com os valores e regras em jogo, realiza trocas e aprende muito mais do que o foco específico de seu interesse. Aprende a conviver em grupo, a colaborar e respeitar as pessoas, a falar e a ouvir (ainda que, na maioria das vezes, ocorram apenas intercâmbios escritos), a superar conflitos, expor opiniões, trabalhar com pessoas que não conhece presencialmente, mas com as quais se identifica no plano dos interesses e ideias.” (KENSKY 2003, p.129)



Debate

O aluno busca, na modalidade EAD, encontrar uma solução imediata para conciliar seu trabalho e os demais afazeres com o estudo. Mas, no mais das vezes, se depara com um desafio em termos de autorresponsabilidade maior do que ele esperava. É aí que o fenômeno da evasão surge pelo fato de não conseguir construir a autonomia necessária para o seu processo de aprendizagem.

Você concorda com esta reflexão?

Síntese: Item 2.4 O papel do aluno em EAD: Autonomia, comprometimento e disciplina são atitudes que se requer do aluno para que ele consiga desenvolver a competência da aprendizagem com base na reflexão e na colaboração.

UNIDADE TEMÁTICA 3

A EaD NA PRÁTICA: O FUNCIONAMENTO DO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA)

As duas primeiras unidades contextualizaram a EAD e apresentaram as discussões sobre tecnologia e aprendizagem. Tendo sido apresentados os conceitos iremos, agora, conhecer na prática o funcionamento do AVA na UFBA, através da plataforma MOODLE.

3.1. O Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA - MOODLE/UFBA

O primeiro tema desta unidade pretende fazer um resgate histórico sobre a EAD na UFBA.

3.1.1 A pedagogia do MOODLE

Com base no manual do MOODLE postado na página da UFBA, faremos um recorte das passagens mais representativas para a confecção deste módulo da disciplina (p.187-201).

O ambiente do MOODLE apresenta uma tela bastante simples e de fácil interação. Os usuários podem escolher interfaces diferenciadas para cada atividade que pretende desenvolver.

O MOODLE permite que o professor gerencie a interface, personalizando-a, para melhor atender a seus objetivos pedagógicos. Permite ainda que o próprio professor escolha, ative ou desative quaisquer recursos oferecidos ao aluno de sua disciplina.



Ilustração: Letícia Rodrigues

Normalmente as instituições desenvolvem um “layout” padrão para as salas de aula, presenciais ou à distância, criando espaços como: convivência (para trocas livres, sem relação direta com os temas estudados, disponibilizando fóruns e “chats” onde os usuários conversam livremente); interação (espaço destinado à realização das atividades relacionadas com os conteúdos estudados) e a Biblioteca (repositório de textos, de apresentações em Power Point, de objetos que medeiam a aprendizagem). A existência e manutenção deste padrão favorece ao aluno/professor a identificação dos elementos, possibilitando uma melhor navegação e, conseqüentemente, aprendizagem. Portanto, apesar de ser possível ao professor realizar alterações na interface, é interessante que tais modificações sejam feitas em parceria com o núcleo que coordena e acompanha a mediação do AVA, neste caso o MOODLE.

A existência desse *layout* padrão não tem a intenção de inibir a ação do professor em exibir, incluir ou excluir mecanismos de interação para realização de atividades com os alunos. O professor deve ter total liberdade de ação.

Para a inserção, alteração ou exclusão de quaisquer elementos na interface, precisamos ativar a edição e escolher as interfaces mais adequadas aos objetivos desejados. Dentre as interfaces podemos citar: *Chat*, Diário, Escolha (Enquetes), Fóruns, Glossários, Questionários, Texto Colaborativo (*wiki*, blog, entre outros). Nosso curso escolherá aquelas interfaces mais usadas, quais sejam: *chats*, fóruns, mensagens individuais, tarefas e perfil.

Chats: Esta ferramenta é bastante conhecida e utilizada nas comunidades de aprendizagem. Existem vários canais que possibilitam a realização de encontros online, inclusive criando salas particulares para a realização das atividades. Estes ambientes não exigem nenhum cadastramento anterior. Os usuários escolhem o *nickname* ou apelido, digitam uma senha e podem entrar na sala.



Fonte: www.pixabay.com

Perspectivas pedagógicas: realização dos *chats* com objetivos pedagógicos deve estabelecer algumas regras que serão construídas junto com o grupo, para possibilitar a

participação de todos, bem como o atendimento das demandas dos usuários. Essas regras não têm o objetivo de tolher ou inibir a participação dos sujeitos. Ao contrário, o objetivo é dar voz a todo o grupo, possibilitando a construção coletiva do conhecimento e evitando a sensação de que se está imerso em uma torre de Babel, onde cada um fala uma língua diferente. É muito importante que o professor estabeleça, antes do *Chat*, questões que nortearão as discussões. Estes questionamentos devem estar relacionados com os conteúdos e conceitos que o professor deseja discutir com seus alunos. Os *Chats* também são utilizados para criar espaços de socialização entre alunos e professores, principalmente em cursos totalmente a distância, com o objetivo de fortalecer o vínculo entre os sujeitos do processo de ensinar e aprender.

Fóruns de Discussão: O fórum de discussão é um espaço criado para a realização de discussões sobre uma determinada temática. Assemelha-se a uma lista de discussão, com a diferença de que os usuários têm acesso a todas as mensagens postadas, separadas por temas, metaforizando a concepção de árvore do conhecimento construída por Michel Authier e Pierre Levy (1995).

Assim, os fóruns de discussão se constituem em uma área onde os participantes do curso podem realizar discussões assíncronas, ou seja, podem enviar mensagens a respeito de um determinado assunto, independente de outros usuários estarem conectados ao ambiente.

As mensagens são apresentadas em uma lista e conectadas ao tema principal de discussão, gerando assim um enlace de comentários e respostas que nos permite identificar as conexões existentes entre as mensagens postadas.

Perspectivas pedagógicas: A ferramenta de fórum de discussão pode ser utilizada sob diferentes perspectivas pedagógicas, a depender do seu contexto didático. Assim, veremos algumas possibilidades que podemos experimentar para ampliar a interação entre professor, alunos, conteúdo e ambiente: Os fóruns devem ser mecanismos pautados pela liberdade de expressão. Isso faz com que o aluno sinta-se à vontade em participar, entendendo que é um espaço de construção de conhecimento, onde ele pode perguntar, argumentar e até mesmo errar. Devemos encará-lo como os diálogos realizados na sala de aula, onde o professor dispara questões e estimula os alunos a expressarem suas opiniões, corroborando ou contradizendo seus colegas. Contudo, como na sala de aula presencial, o professor deve conter abusos, estipular limites e fomentar a participação dos mais tímidos.

Tarefa: Nesta ferramenta o professor pode registrar as tarefas que deverão ser realizadas pelos alunos durante a disciplina. As tarefas podem apenas apresentar o enunciado com as orientações do que fazer, como, por exemplo: “Prezado aluno, faça a leitura do texto 01”, caracterizando uma tarefa *off line*. Ou ainda pode trazer o registro de uma tarefa que deve ser postada no ambiente da disciplina em dia e horário pré-determinados.

Perfil: Esta interface é fundamental para facilitar o processo de comunicação entre alunos e entre alunos e professores. É através do perfil que estes sujeitos registram seus dados pessoais que estarão disponíveis para todo o grupo, permitindo que sejam estabelecidos vínculos a partir das afinidades de interesses. Portanto, é importante que os usuários não sejam muito sucintos ao preenchê-lo, mas registrar aspectos que julgam importante as pessoas saberem.

Perspectivas pedagógicas: O preenchimento do perfil é fundamental em um curso a distância, pois possibilita mapear um pouco sobre os desejos e interesses do grupo, permitindo intervenções mais contextualizadas com as demandas dos sujeitos aprendentes.



Debate

Considerando as ferramentas/interfaces apresentadas neste capítulo, relacione as principais dificuldades que o professor pode encontrar para mediar a aprendizagem dos seus alunos.

3.1.2. As funcionalidades do MOODLE

Conseguiu acessar seu curso? Agora vamos a algumas ferramentas (funcionalidades) que poderão te auxiliar na navegação.

Calendário: : O calendário é um recurso que permite a você visualizar eventos cadastrados (que podem ser do curso ou do grupo, ou mesmo do ambiente MOODLE da UFBA como um todo) e também o cadastro de eventos pessoais. Os dias nos quais esses eventos irão ocorrer serão marcados de acordo com a legenda mostrada na **Figura 2**.

Você poderá ver os eventos que aconteceram nos meses anteriores ou que ainda estão por acontecer nos meses seguintes, clicando nas setas de navegação que se localizam na parte de cima do calendário, ao lado do nome do mês. Para visualizar os detalhes de um evento, basta clicar no dia no qual esse evento está marcado para acontecer. Para incluir um evento pessoal, basta clicar no nome do mês no calendário e aparecerá uma página para inclusão de novos eventos. Simples assim!!!

Na caixa de próximos eventos (ver Figura 3) serão mostrados os eventos mais próximos cadastrados no calendário, em ordem cronológica. Além disso, ela possui um link para que você possa ver uma tela do calendário mais detalhada, e um outro link para que você possa criar um evento de usuário.

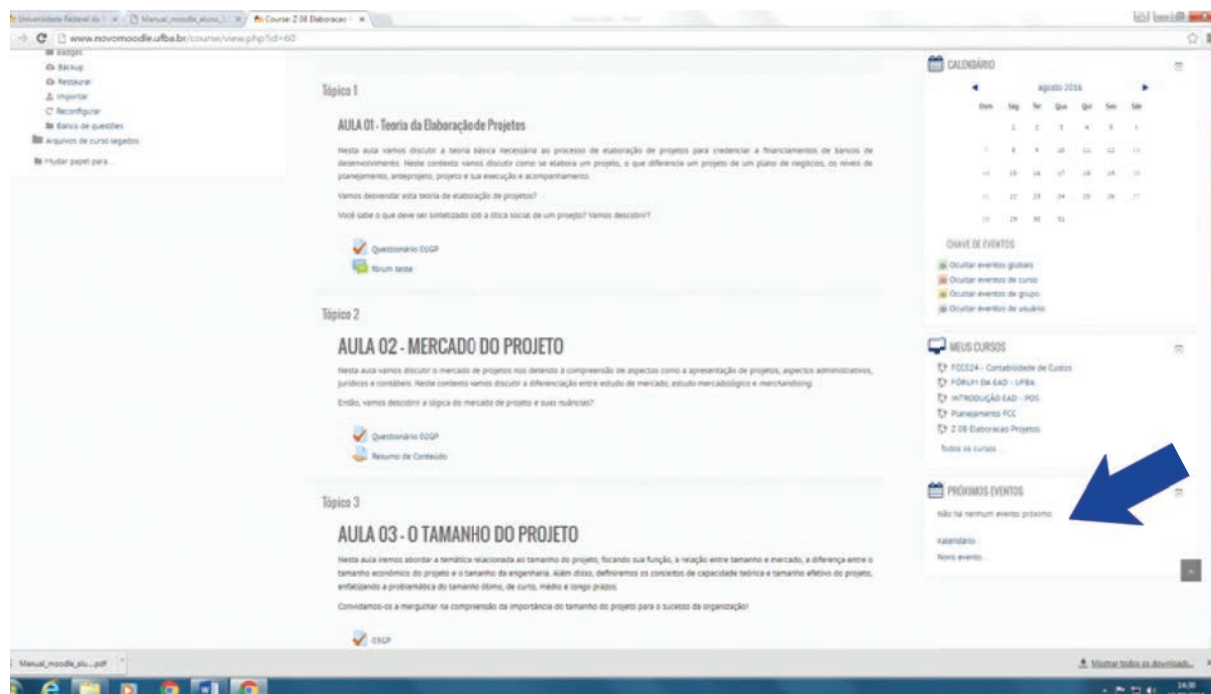


Imagem3: Próximos Eventos

Participantes: A caixa de participantes permite que você veja todos os professores e alunos que estão participando do curso. Basta clicar no link “Participantes” (ver Figura 4) que você será redirecionado a uma página mostrando todas as pessoas inscritas e os professores que estão ministrando o curso.

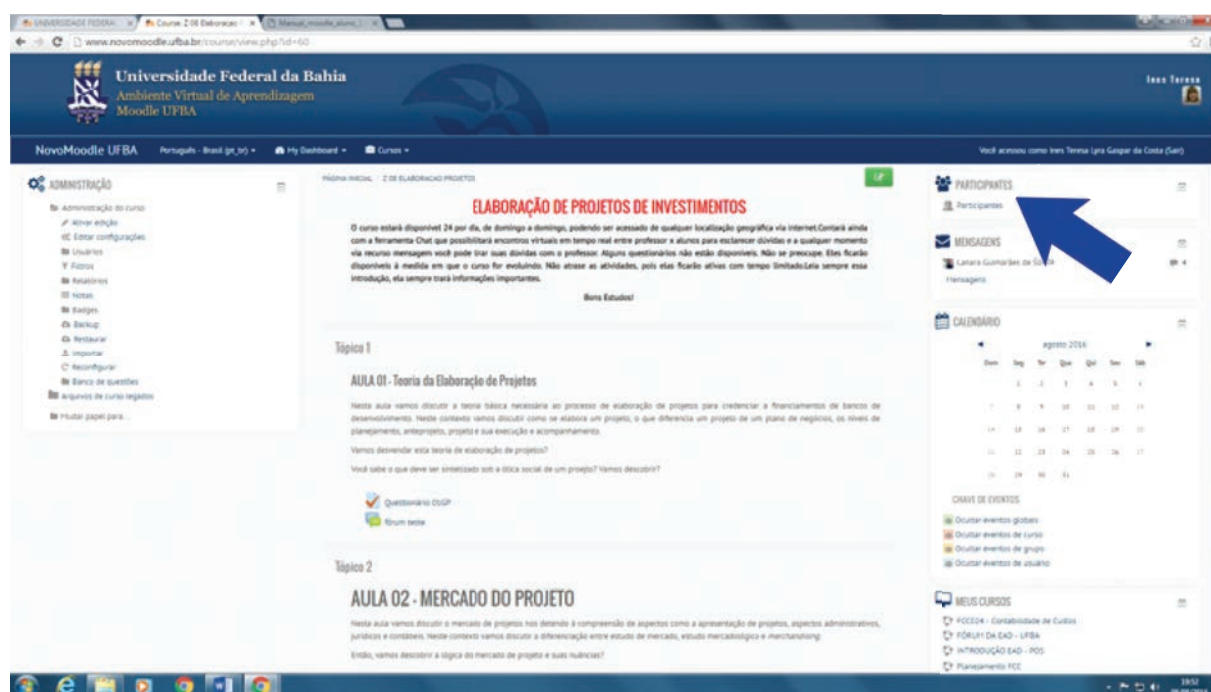


Figura 4: Participantes



Figura 5: Página de participante

Mensagens A caixa de mensagens (ver Figura 5) permite a visualização de mensagens enviadas especificamente para você, por usuários do MOODLE UFBA. Para enviar uma mensagem para alguém, basta clicar no nome ou foto do mesmo e, na tela de visualização do perfil, clicar em 'Enviar mensagem' (ver Figura 5). Estas mensagens são pessoais, somente quem enviou e quem recebeu têm acesso às mesmas.

Administração A caixa Administração (ver Figura 5) permite que você tenha acesso a algumas opções mais avançadas de seu cadastro. Ela possui links para que você visualize suas notas, modifique aparência etc.

Perfil: O Perfil é um recurso muito importante num curso a distância. Ele é útil para que os participantes possam se conhecer através das informações disponibilizadas por cada um deles. Como, são poucos os momentos presenciais, onde, normalmente, se dá a interação entre os participantes num curso a distância, é fundamental que cada participante atualize seu perfil pessoal, possibilitando, assim, que todos se conheçam melhor. Para inserir perfil ou modificá-lo, clique sobre o seu nome do lado direito do curso. Então, clique em modificar perfil.(ver Figura 6)

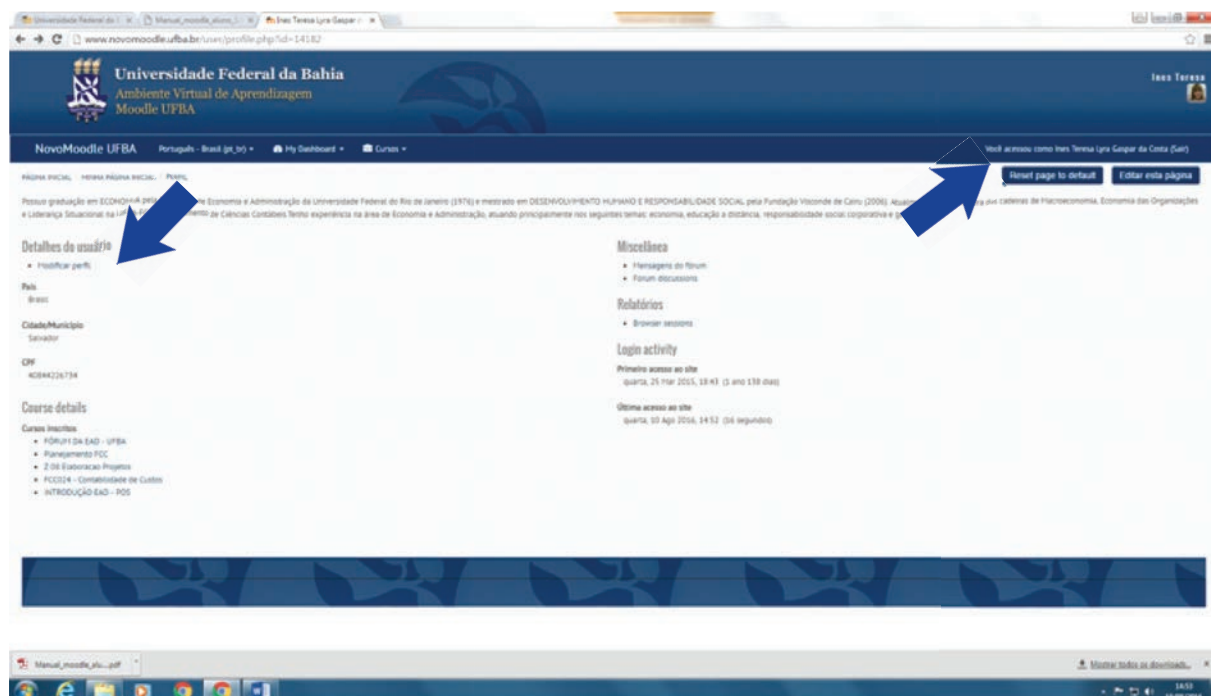


Figura 6: Página de acesso ao perfil.

Síntese: 3.1 O ambiente virtual de Aprendizagem - MOODLE/UFBA. Cada ferramenta do AVA possui uma justificativa pedagógica. Dentre elas os fóruns assíncronos de discussão são o portal para a interatividade, conceito primordial para uma aprendizagem significativa através da EAD.

3.2 Planejando seus estudos

3.2.1 A importância da organização.

Antes de entrarmos na discussão do tema propriamente dito convém citarmos uma autora importante no pensamento pedagógico da EaD. Beloni (2001) citada por Hack, (2011,p.113) reflete sobre as características da sociedade contemporânea que mais causam impacto na educação. Ela elencaria quatro: a) a complexidade; b) a tecnologia; c) as mudanças nas relações de espaço e tempo; d) a exigência de um trabalhador com múltiplas competências. Para autora, continua Hack (2011, p.113) existe uma imagem preconceituosa de que o estudante que opta pela EaD apresenta uma imagem passiva e descompromissada. Desconstruir esta imagem no imaginário coletivo não depende apenas do estudante, a instituição tem grande responsabilidade neste processo.

Hack (2011, p.113) afirma a importância do planejamento e gestão institucional que levariam a autonomia do aprendente:

A EaD, se bem planejada e gerenciada, pode ser uma resposta viável para atender várias camadas da população: a) as que estão excluídas do sistema presencial de ensino, como os alunos e trabalhadores que residem longe de uma instituição de ensino superior e teriam muito desgaste físico, mental e financeiro para frequentar um curso diariamente; b) os profissionais que precisam de formação permanente em serviço e não podem deixar suas funções cotidianas; c) as pessoas que optam pela EaD por gostarem da modalidade e se identificarem com o perfil autônomo. Todavia, concordamos com Belloni (2001), que a prática da aprendizagem autônoma é embrionária, pois o estudante verdadeiramente autônomo é ainda uma exceção em nossas universidades.

A autora vai além ao apontar algumas necessidades primordiais para vencer a sensação de isolamento na EAD, aliás tema discutido no item 2.4.1: “materiais com boa qualidade científica e pedagógica; sistema de tutoria eficiente, que promova relações intersubjetivas e a comunicação dialógica nas relações docente/aluno ou aluno/aluno; centros de apoio para a realização de atividades presenciais, como aulas, grupos de estudo, videoconferências, etc.”.(p.114)

Mas será que uma boa infraestrutura e interlocução exemplar do tutor garantiriam a autonomia do aluno? Segundo a pesquisa de Hack (2011, p.116)

É fato que apenas ao ingressar em um curso de EaD alguns alunos percebem que eles precisam estudar e participar de sua formação efetivamente, pois uma EaD com qualidade não é sinônimo de educação facilitada. Em nossa experiência com ensino superior a distância já encontramos estudantes que desistiram de sua formação nas primeiras semanas do curso e posteriormente justificaram sua atitude dizendo que tinham pensado que não seria necessário estudar para ter o diploma.

Assim, dentre os requisitos esperados do perfil psicológico e atitudinal do estudante, sobre os quais já discorremos em 2.4, levantamos dois essenciais: Disciplina (o que implicitamente contempla motivação para a construção do conhecimento) e capacidade de administrar seu tempo.

3.2.2 Planejando o tempo de estudo

No item anterior, ressaltamos a importância do planejamento diário de seus estudos. Como forma de inspirar a sua organização para uma disciplina, disponibilizamos uma sugestão de planilha de organização semanal para nossa primeira disciplina- Metodologia em EAD - que poderá ser adotada para todas as demais disciplinas do curso, caso achem interessante.

A planilha apresenta a sequência de ações que deverão ser atendidas, os recursos disponíveis que poderão ser utilizados para atendê-las e o tempo provável que você levará no estudo.



Dica

Sugestão de planilha para organizar seus estudos semanais.

Esta sugestão é para uma disciplina de 68 horas. Altere, sempre de acordo com a carga horária. Mas, em todos os casos, quanto mais você puder estudar, melhor!

Vamos ver?

Primeira Semana:

Unidade 1. EaD: CONCEITOS E CONTRIBUIÇÕES

1.1. A Contribuição da EaD para a Sociedade do Conhecimento

Nº	Conteúdo	Atividades	Referências	Tempo Estimado
1		Tomar conhecimento do Ambiente: Navegar pela disciplina observando suas facilidades e ferramentas. Assistir os vídeos de apresentação do curso e da disciplina	Vídeos postados no AVA	1 hora
2	A Contribuição da EAD para a Sociedade do Conhecimento	Ler/ estudar o item II do Módulo Metodologia em EAD: O primeiro tema tem como objetivo apresentar a inserção da Educação a Distância no contexto do processo educacional brasileiro discutindo sua importância para a construção do saber na sociedade do conhecimento. Você será capaz de refletir sobre: o ambiente da globalização; a construção do conhecimento na sociedade contemporânea e o contexto da EAD.	Módulo Metodologia em EAD BELLONI, M. L. Educação à distância. Campinas: Autores Associados, 1999 KENSKI, Vani M. O papel do professor na sociedade digital. In: CASTRO, Amélia D. e CARVALHO, Anna P. de (Orgs.)	2 horas
3		Assistir ao vídeo I Interatividade Encurta a distância, disponível no AVA e destacar pontos interessantes para discutir no fórum I.	Vídeo I indicado: Interatividade Encurta distância.	1 hora
4		Tarefa I solicitada no Módulo: Com base nos conceitos dos 4 pilares essenciais, segundo a Unesco, sobre um novo conceito de educação, reflita se sua aplicabilidade é consistente com a proposta de EAD. Insira seus comentários no fórum de discussão na primeira semana da disciplina para debater com seus colegas.		1 hora
5		Interagir no Fórum Temático referente à Unidade I, com colegas e professor/tutor Ead, buscando gerar um debate rico e significativo para seu aprendizado.		5 horas
		Total de tempo dedicado na primeira semana		10 horas

Segunda Semana:

Unidade 1. EAD: CONCEITOS E CONTRIBUIÇÕES

1.2.A modalidade EAD

Nº	Conteúdo	Atividades	Referências	Tempo Estimado
1	A modalidade EAD	Ler/ estudar o item 1.2 do Módulo Metodologia em EAD: O segundo tema da primeira unidade de nossa disciplina tem como objetivo apresentar a legislação brasileira que regulamenta o ensino a distância no Brasil, as diferentes concepções teóricas sobre a EAD e as gerações de EAD que a história da educação já experimentou. Você será capaz de refletir sobre: A legislação pertinente da EAD; As concepções teóricas que as fundamentam e as gerações de EAD	Módulo Metodologia em EAD BELLONI, M. L. Educação à distância. Campinas: Autores Associados, 1999 POLAK, Ymiracy N. S. . INTRODUÇÃO E FUNDAMENTOS DE EAD: oportunizando o processo de GESTÃO DE SISTEMAS de Educação a Distância. Curitiba: UNOPAR, 2005	2 horas
2		Tarefa 2 do Módulo: Para aprofundar ainda mais o debate leia o texto para discussão de Edith Litwin: “ Das Tradições à Virtualidade “ que será postado no fórum de discussão, e reflita sobre as seguintes questões, levantando os pontos em que concorda ou discorda da autora. 1. Autonomia do aluno em EAD não significa autodidatismo 2. O papel das TIC's (Tecnologias da Comunicação) no processo de interatividade. 3. Mais tecnologia não significa mais aprendizagem. Compartilhe suas opiniões com as dos seus colegas durante a 2ª semana da disciplina.	Texto: Das Tradições à Virtualidade	3 horas
3		Interagir no Fórum Temático referente à Unidade I, com colegas e professor/tutor Ead, buscando gerar um debate rico e significativo para seu aprendizado		5 horas
		Total de tempo dedicado na segunda semana		10 horas

Terceira Semana:

Unidade 1: EAD: CONCEITOS E CONTRIBUIÇÕES

1.3.0 papel das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's)

Nº	Conteúdo	Atividades	Referências	Tempo Estimado
1	O papel das Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC's)	Ler/ estudar o item 1.3 do Módulo Metodologia em EAD: Neste terceiro tema pretendemos apresentar o papel das novas tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC's) na nova agenda educativa, que é a EAD. Exploraremos seus conceitos, sua articulação na mediação do processo ensino-aprendizagem e apresentaremos as plataformas onde se desenvolvem os ambientes virtuais de aprendizagem. Você será capaz de refletir sobre As tecnologias da informação na Educação; O impacto da Internet na construção do conhecimento; As plataformas do Ambiente Virtual de Aprendizagem.	Módulo Metodologia em EAD BELLONI, M. L. Educação à distância. Campinas: Autores Associados, 1999 KENSKI, Vani M. O papel do professor na sociedade digital. In: CASTRO, Amélia D. e CARVALHO, Anna P. de (Orgs.)	2 horas
2		Assistir ao vídeo 2 Entrevista com o filósofo Pierre Lèvy, disponível no AVA e destacar pontos interessantes para discutir no fórum da Unidade I.	Vídeo 2 indicado: Entrevista com o filósofo Pierre Lèvy	1 hora
3		Tarefa 3 solicitada no Módulo: Clique no link abaixo e faça uma breve resenha do que você assistiu. Compartilhe com seus colegas na terceira semana da disciplina. https://www.youtube.com/watch?v=qDUDYrRS8Eo&feature=player_embedded	Acesse o link https://www.youtube.com/watch?v=qDUDYrRS8Eo&feature=player_embedded	2 hora
4		Interagir no Fórum Temático referente à Unidade I, com colegas e professor/tutor Ead, buscando gerar um debate rico e significativo para seu aprendizado		5 horas
		Total de tempo dedicado na terceira semana		10 horas

Quarta Semana:

Unidade 1: EAD: CONCEITOS E CONTRIBUIÇÕES

1.4 Limites e Potencialidades da EAD

Nº	Conteúdo	Atividades	Referências	Tempo Estimado
1	Limites e Potencialidades da EAD	Ler/ estudar o item 1.4 do Módulo Metodologia em EAD: O último tema de nossa primeira unidade pretende explorar as limitações e os desafios em se praticar esta nova modalidade de ensino. Ao final da Unidade teremos condição de postarmos nosso balanço sobre essa modalidade de ensino. Será que é fácil fazer EAD? Quais estratégias e saberes são necessários para essa modalidade de ensino? Será que de fato a EAD permitirá a inclusão educacional?	Módulo Metodologia em EAD BELLONI, M. L. Educação à distância. Campinas: Autores Associados, 1999 KENSKI, Vani M. O papel do professor na sociedade digital. In: CASTRO, Amélia D. e CARVALHO, Anna P. de (Orgs.)	2 horas
2		Tarefa 4 solicitada no Módulo: Ao ler este tópico (1.4) você, aluno, é capaz de responder uma pergunta crucial desta disciplina? É fácil fazer EAD? Compartilhe suas opiniões com as dos seus colegas no fórum durante a 4ª semana da disciplina.		1 hora
3		Interagir no Fórum Temático referente à Unidade I, com colegas e professor Ead, buscando gerar um debate rico e significativo para seu aprendizado.		5 horas
4		Responder e enviar o questionário da Avaliação AVA - Unidade I.	Módulo Metodologia em EAD BELLONI, M. L. Educação à distância. Campinas: Autores Associados, 1999 KENSKI, Vani M. O papel do professor na sociedade digital. In: CASTRO, Amélia D. e CARVALHO, Anna P. de (Orgs.)	2 horas
		Total de tempo dedicado na quarta semana		10 horas

Quinta Semana:

Unidade 2: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM EAD

2.1.A lógica do ensinar e aprender

Nº	Conteúdo	Atividades	Referências	Tempo Estimado
1	A lógica do ensinar e aprender	Ler/ estudar o item 2.1 do Módulo Metodologia em EAD: O primeiro tema desta segunda unidade tem como objetivo fazer um rápido recorte das concepções teóricas sobre a lógica do ensinar e do aprender, a importância da linguagem na EAD e o papel da interatividade no processo ensino-aprendizagem.	Módulo Metodologia em EAD BELLONI, M. L. Educação à distância. Campinas: Autores Associados, 1999 KENSKI, Vani M. O papel do professor na sociedade digital. In: CASTRO, Amélia D. e CARVALHO, Anna P. de (Orgs.) MORAN, J. M. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. In: ROMANOWSKI, J. P. et al. (Org.). Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na educação, vol 2. Curitiba: Champagnat, 2004. p. 245- 253. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/espacos.htm. Acesso em: 2014.	3 horas
2		Tarefa 5 solicitada no Módulo: Com base no link a seguir http://www.gargantadaserpente.com/artigos/helio_consoladoro.shtml Dê sua contribuição no fórum 2 de discussão.		2 horas
3		Interagir no Fórum Temático referente à Unidade 2, com colegas e professor Ead, buscando gerar um debate rico e significativo para seu aprendizado.		5 horas
		Total de tempo dedicado na quinta semana		10 horas

Sexta Semana:

Unidade 2: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM EAD

2.2.0 papel do professor

Nº	Conteúdo	Atividades	Referências	Tempo Estimado
1	O papel do professor	Ler/ estudar o item 2.2 do Módulo Metodologia em EAD: O segundo tema desta unidade tem como objetivo discutir o papel do professor nesta nova modalidade. Seus atributos, perfis e competências, trazendo ao diálogo o fazer mediatizado pelas NTICS.	Módulo Metodologia em EAD BELLONI, M. L. Educação à distância. Campinas: Autores Associados, 1999 KENSKI, Vani M. O papel do professor na sociedade digital. In: CASTRO, Amélia D. e CARVALHO, Anna P. de (Orgs.) MORAN, J. M. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. In: ROMANOWSKI, J. P. et al. (Org.). Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na educação, vol 2. Curitiba: Champagnat, 2004. p. 245- 253. Disponível em: http://www.eca.usp.br/~prof/moran/espacos.htm . Acesso em: 2014.	3 horas
2		Tarefa 6 solicitada no Módulo: Comente a seguinte reflexão: Muitas vezes o que mais dificulta a interatividade em ambientes virtuais é o próprio professor. Na medida em que o professor não tem bem presente o quanto ele deve ser interativo, para, assim, estimular/motivar seus alunos a serem cada vez mais interativos, o processo tende a ir arrefecendo, 'esfriando' (FARIA,2006).		2 horas
3		Interagir no Fórum Temático referente à Unidade 2, com colegas e professor Ead, buscando gerar um debate rico e significativo para seu aprendizado.		5 horas
		Total de tempo dedicado na sexta semana		10 horas

Sétima Semana:

Unidade 2: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM EAD

2.3.A tutoria em EAD

Nº	Conteúdo	Atividades	Referências	Tempo Estimado
1	A tutoria em EAD	Ler/ estudar o item 2.3 do Módulo Metodologia em EAD: O terceiro tema dessa unidade pretende refletir sobre a importância da tutoria na mediação do processo de ensino-aprendizagem, ressaltando as competências exigidas à ele e seu importante papel de acolhimento ao aluno.	Módulo Metodologia em EAD BELLONI, M. L. Educação à distância. Campinas: Autores Associados, 1999 KENSKI, Vani M. O papel do professor na sociedade digital. In: CASTRO, Amélia D. e CARVALHO, Anna P. de (Orgs.) MORAN, J. M. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. In: ROMANOWSKI, J. P. et al. (Org.). Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na educação, vol 2. Curitiba: Champagnat, 2004. p. 245- 253. Disponível em: http://www.eca.usp.br/~prof/moran/espacos.htm. Acesso em: 2014.	3 horas
2		Tarefa 7 solicitada no Módulo: Pesquisa de interação em fóruns! Faça uma pesquisa em sites, visando localizar três comunidades virtuais de aprendizagem (do tipo AVA diferentes, blogs interativos, etc), e, em seguida, identifique os principais temas tratados por seus membros. Localize as formas de mediação e intervenção desenvolvidas pelo tutor a distância neste espaço de aprendizagem (nos fóruns, por exemplo) Poste suas análises no 7º Fórum da disciplina!		2 horas
3		Interagir no Fórum Temático referente à Unidade 2, com colegas e professor Ead, buscando gerar um debate rico e significativo para seu aprendizado.		5 horas
		Total de tempo dedicado na sétima semana		10 horas

Oitava Semana:

Unidade 2: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM EAD

2.4.0 papel do Aluno

Nº	Conteúdo	Atividades	Referências	Tempo Estimado
1	Papel do aluno	Ler/ estudar o item 2.4 do Módulo Metodologia em EAD: O sujeito da aprendizagem é o aluno. Nesta sessão abordaremos atitudes essenciais que dependem exclusivamente do estudante para alcançar o seu objetivo. Abordaremos questões como a autonomia, comunicação e reflexão e a construção coletiva do conhecimento.	Módulo Metodologia em EAD BELLONI, M. L. Educação à distância. Campinas: Autores Associados, 1999 KENSKI, Vani M. O papel do professor na sociedade digital. In: CASTRO, Amélia D. e CARVALHO, Anna P. de (Orgs.) MORAN, J. M. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. In: ROMANOWSKI, J. P. et al. (Org.). Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na educação, vol 2. Curitiba: Champagnat, 2004. p. 245- 253. Disponível em: http://www.eca.usp.br/~prof/moran/espacos.htm . Acesso em: 2014.	2 horas
2		PARA DISCUTIR NO FÓRUM: O aluno busca, na modalidade EAD, encontrar uma solução imediata para conciliar seu trabalho e os demais afazeres com o estudo. Mas, no mais das vezes se depara com um desafio em termos de auto-responsabilidade maior do que ele esperava. É aí que o fenômeno da evasão surge pelo fato de não conseguirem construir a autonomia necessária para o seu processo de aprendizagem. Você concorda com esta reflexão?		1 hora

Nº	Conteúdo	Atividades	Referências	Tempo Estimado
3	Papel do aluno	Interagir no Fórum Temático referente à Unidade 2, com colegas e professor Ead, buscando gerar um debate rico e significativo para seu aprendizado.		5 horas
4		Responder e enviar o questionário da Avaliação AVA - Unidade 2.	Módulo Metodologia em EAD BELLONI, M. L. Educação à distância. Campinas: Autores Associados, 1999 KENSKI, Vani M. O papel do professor na sociedade digital. In: CASTRO, Amélia D. e CARVALHO, Anna P. de (Orgs.)	2 horas
		Total de tempo dedicado na oitava semana		10 horas

Nona Semana:

Unidade 3: A EAD NA PRÁTICA: O FUNCIONAMENTO DO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA)

3.1 O Ambiente Virtual de Aprendizagem- MOODLE/UFBA

Nº	Conteúdo	Atividades	Referências	Tempo Estimado
1	O Ambiente Virtual de Aprendizagem – MOODLE /UFBA	Ler/ estudar o item 3.1 do Módulo Metodologia em EAD: O objetivo desta unidade é o de apresentar como funciona o AVA , através da plataforma MOODLE, na UFBA. Para tanto serão abraçados os seguintes temas: um breve resgate histórico de sua implantação seguindo da linha pedagógica por detrás das ferramentas do AVA. Templates das principais funcionalidades do MOODLE serão também disponibilizados.	Módulo Metodologia em EAD Link: http://www.MOODLE.ufba.br/-file.php/1/MOODLE_1911_web.pdf	3 horas
2		Tarefa 9 solicitada no Módulo: Considerando as ferramentas/interface apresentadas neste item (3.1), relacione as principais dificuldades que o professor pode encontrar para mediar a aprendizagem dos seus alunos. Interaja no fórum da nona semana de estudos.		2 horas
3		Interagir no Fórum Temático referente à Unidade 3, com colegas e professor Ead, buscando gerar um debate rico e significativo para seu aprendizado.		5 horas
		Total de tempo dedicado na nona semana		10 horas

Décima Semana:

Unidade 3. A EAD NA PRÁTICA: O FUNCIONAMENTO DO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA)

3.2 Planejando seus estudos

Nº	Conteúdo	Atividades	Referências	Tempo Estimado
1	Planejando seus estudos	Ler o item 3.2 do Módulo Metodologia em EAD: O objetivo desta unidade é o de apresentar a importância de seu planejamento nos estudos através da EAD.	Módulo Metodologia em EAD	1 hora
2		Preparação para a prova presencial: Fazer uma revisão geral de toda a disciplina.	Módulo Metodologia em EAD BELLONI, M. L. Educação à distância. Campinas: Autores Associados, 1999 KENSKI, Vani M. O papel do professor na sociedade digital. In: CASTRO, Amélia D. e CARVALHO, Anna P. de (Orgs.) MORAN, J. M. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. In: ROMANOWSKI, J. P. et al. (Org.). Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na educação, vol 2. Curitiba: Champagnat, 2004. p. 245- 253. Disponível em: http://www.eca.usp.br/~prof/moran/espacos.htm. Acesso em: 2014.	5 horas
3		Interagir no Fórum Temático referente à Unidade 3, com colegas e professor Ead, buscando gerar um debate rico e significativo para seu aprendizado.		3 horas
		Total de tempo dedicado na décima semana		10 horas

3.2.3 Elaborando um Cronograma

No item 3.1.2 tomamos conhecimento de algumas funcionalidades do MOODLE, dentre elas o calendário. O blog³ a seguir irá apresentar como você poderá melhor utilizá-lo para disciplinar-se e administrar seu tempo.

COMO PLANEJAR SEUS ESTUDOS À DISTÂNCIA

Quem frequenta um curso presencial geralmente segue uma grade de horários, com todas as aulas da semana, normalmente ministradas em apenas um turno. No caso de um curso a distância, caberá ao aluno construir o seu próprio plano de estudos ou sua própria grade de horários. A vantagem, no caso da EAD, é que o estudante possui maior flexibilidade para criar o próprio cronograma de aulas. Portanto, é possível organizar o plano de estudos conforme horários mais convenientes, como o período noturno, o horário do almoço, o fim de semana etc. O aluno só não pode confundir flexibilidade com procrastinação, ao querer adiar o estudo das disciplinas.

O ideal é que o estudante divida o conteúdo programático pelo tempo disponível. Eventualmente, pode ocorrer de o aluno reservar um tempo maior para matérias em que possua maior dificuldade de assimilação do conteúdo. Se possível, é recomendável que o estudante não deixe passar muito tempo entre uma parada de estudos e outra, para não esquecer o conteúdo e também para criar o hábito de estudar.

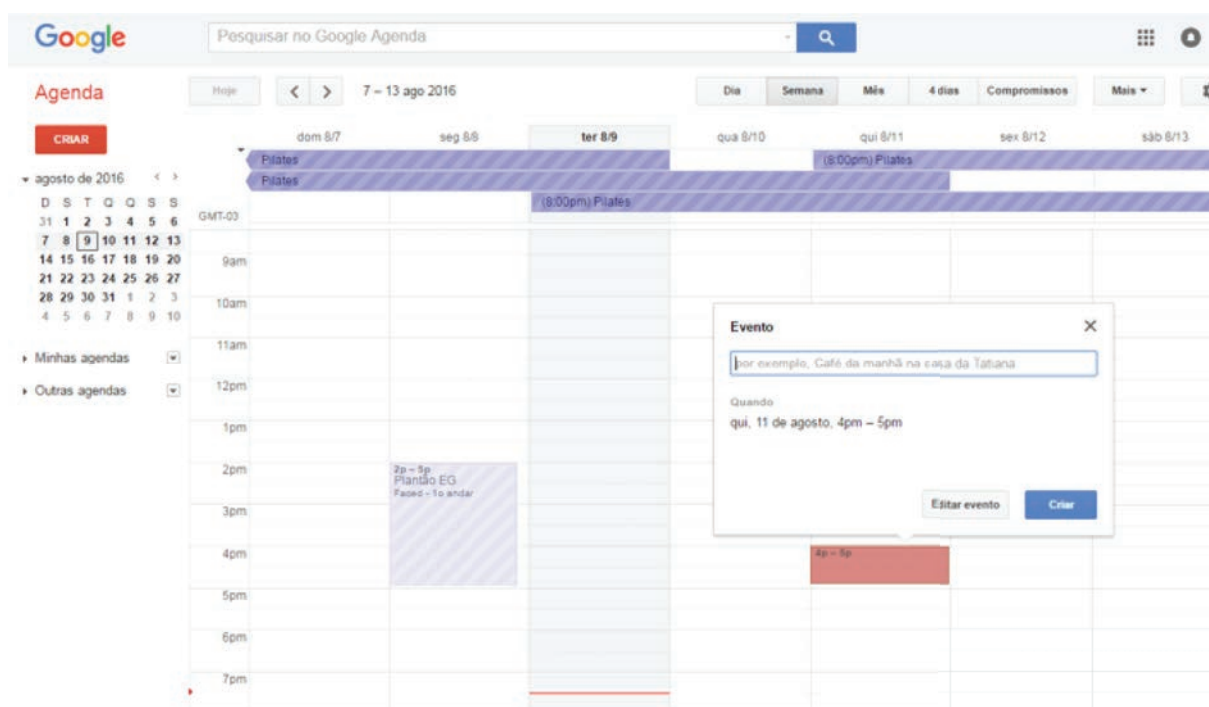
Construir um plano de estudos com eficiência é fundamental para que o aluno realize a gestão do tempo. Mesmo que um curso a distância ofereça flexibilidade, é interessante ter horários definidos no dia ou na semana para estudar. Portanto, listar todas as atividades diárias e reservar horários para cada uma delas, permite que o estudante visualize com mais facilidade os períodos livres para acompanhar as atividades.

Na hora de executar o seu plano de estudos, tenha em mente que qualidade vale mais do que quantidade. Às vezes, o rendimento de 30 minutos de estudo com concentração total é maior do que uma hora de leitura, intercalada com distrações. Para aumentar a produtividade dos seus estudos, deve desligar as notificações do celular e evitar ao máximo o acesso às redes sociais. Para estudar com qualidade, busque manter concentração total no decorrer dessa tarefa.

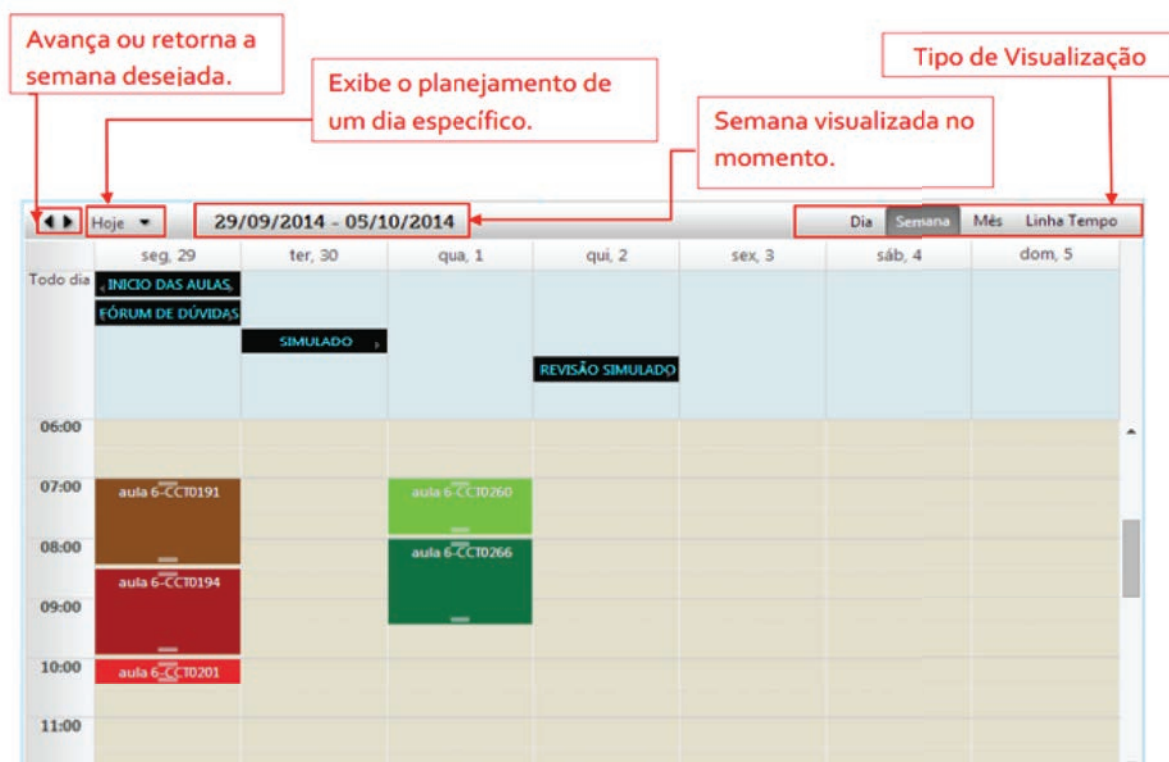
³ Este item foi baseado no blog Plano de estudos para aproveitar melhor um curso a distância. Blog da Escola EDTI, elaborado por Marcelo. Disponível em: <http://www.escolaedti.com.br/plano-de-estudos-curso-distancia/>
Acesso em: 07/09/2016, já devidamente autorizado pelo autor.

O que pode facilitar a vida e orientar os estudos é montar um cronograma de estudos, dividir por prioridades as matérias e criar o hábito de estudá-las em horários fixos. Este será um ótimo meio para visualizar melhor os prazos de cada atividade que o aluno tem em cada semana de aula. Vale lembrar também que cronogramas são ferramentas que devem ser refeitas ou modificadas toda semana, a fim de atender as necessidades atuais do estudante.

Hoje em dia existem várias ferramentas, vários programas no computador em que é possível montar o seu cronograma. Vão desde uma simples planilha no Excel até programas e aplicativos especiais feitos justamente para Gestão de Tempo. Por exemplo: o Google calendário. Veja ilustração a seguir.



Além deste exemplo, existem vários tipos de cronogramas para gestão de tempo que qualquer pessoa com conhecimentos básicos do pacote *Office* pode montar sozinho. Ou se preferir, pode montá-lo no *Word*, numa agenda física ou até mesmo numa folha de papel. Isso vai depender do seu gosto ou da sua necessidade. Veja este exemplo num *Excel*:



Tome cuidado para não sobrecarregar nenhum dia e para que as atividades que você marcou no cronograma não coincidam com outras atividades que você costuma fazer no dia a dia. Para evitar este problema, é indicado também que até as atividades costumeiras sejam escritas no cronograma, montando assim uma rotina de estudos.

Síntese: Item 3.2 Planejando seus estudos. Este item, bem prático, pretendeu apresentar uma sugestão de planejamento de tempo e uso de cronograma para auxiliar na sua disciplina ao estudar. Notem que o tempo disponível sugerido para interação no fórum é o mais relevante, pois é nesse lugar virtual que a interatividade é trabalhada.



Atividade

Agora que você está bem esperto sobre os principais conceitos que envolvem a metodologia EaD, elaborem um plano de estudos e o socialize com os colegas. Discutam a sua viabilidade.

Referências

ALMEIDA, C. V. A. **Ensino-aprendizagem em EAD** FTC, 2008

ALVES, Lynn (Org.). **Educação e Tecnologia: trilhando caminhos**. Salvador: UNEB, 2003.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação à distância**. 2ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BENKO, Georges. Leitura Sócio Econômica do fim do século In: BENKO, Georges. Economia, Espaço e Globalização na Aurora do século XXI. São Paulo. Editora Hutech, 1995.

CORREIA, Juliane, 2007. **O Cenário Atual da EAD** In: SENAC. Curso de Especialização em Educação a Distância-vol.1 versão 4.0, 2007.

DUARTE. Kátia Macêdo. Encontros e desencontros na formação aluno e do professor na **educação a distância**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, CERES/ Caicó- RN. editorarealize.com.br/.../Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_1441_4af82db3c82. Acesso em: 18/08/2016.

FARIA, Elaine T. (Org.) *et all*. **Educação Presencial e Virtual: espaços complementares essenciais na escola e na empresa**. Porto Alegre - RS: EDIPUCRS, 2006.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e Crise do Capitalismo Real**. São Paulo: Cortez, 2000.

GIUSTA, Agneta da Silva. Educação a Distância: Contexto histórico e situação atual. In: GIUSTA, Agneta da Silva; FRANCO, Iara Melo (org.). **Educação a Distância: Uma articulação entre a teoria e a prática**. Belo Horizonte. PUC Minas Virtual, 2003.p.17-42.

HACK, Josias Ricardo. **Introdução à educação a distância** – Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2011.

KENSKY, Vani Moreira. **Tecnologias e Ensino** presencial e a distância. 6ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2003.

KONRATH, Mary Lúcia Pedroso; TAROUCO, L.M.R.; BEHAR, P. A. **Competências: desafios para alunos, tutores e professores da EAD** in Novas Tecnologias na Educação, CINTED-UFRGS, V. 7 Nº 1, Julho, 2009. Acesso em 18/08/2016

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. São Paulo: Loyola, 1998.

LITWIN, Edith. **Educação a Distância**: Temas para debate de uma nova agenda educativa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MAGGIO, Mariana. **O tutor na educação a distância** in Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa/ organizado por Edith Litwin.- Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. p.93-110.

MORAN, José M. Novas questões que a educação à distância traz para a didática. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_online/questoes.pdf. Acesso em: 18/ 08/ 2016.

NOVA Cristiane, ALVES, Lynn. **Educação a distância**: Limites e possibilidades. In: Educação a Distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. São Paulo: Futura, 2003, p. 5-27

OKADA, A.L.P.; SANTOS, E.O. **Comunicação Educativa** no Ciberespaço : utilizando interfaces gratuitas Revista Diálogo Educacional Curitiba. V. 4, N. 13, p. 161 - 174, Set / Dez., 2004.

PIAGET, Jean. A psicogênese dos conhecimentos. In: __**Epistemologia Genética**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PIMENTA, Selma G.; ANASTASIU, Léa das Graças C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

POZO, Juan Ignacio. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. 3. ed. Porto Alegre : Artes Médicas, 1998.

RAMAL, A. C. **Entre Mitos e Desafios** In: _____ O computador vai substituir o professor? Revista Aulas e Cursos (UOL), em <http://www.uol.com.br/aulasecursos>, março de 2000. Acesso em 18/08/2016

RAMAL, Andréa Cecília. **Educação na cibercultura**: hipertexto, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

RIBEIRO, A. M. Coelho; NEVES, M. C. Baeta, 2007. **A tutoria**. In: SENAC. Curso de Especialização em Educação a Distância-vol.1 versão 4.0, 2007.

RICCIO, Nícia Cristina Rocha. Tese de Doutorado. **Ambientes virtuais de aprendizagem na UFBA: a autonomia como possibilidade**. UFBA, FAGED, 2010.

SACRAMENTO, Maria da Conceição A.F.; SONNEVILLE, Jackes J. **Docência online: tecendo possibilidades para a prática educativa e para a pesquisa**. Salvador: mimeo, 2005.

SANTOS, Jocenildes Zacarias. **Redes de aprendizagem: a construção da lecto-escrita nos labirintos da Web**. 2006. 124fl. Dissertação (Mestrado em Educação)-Departamento de Pós-graduação, Universidade do Estado da Bahia. Salvador.

SILVA, Antônio Carlos Ribeiro da. **Educação a distância e o seu grande desafio: o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem**. <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/012-tc-a2.htm>, acessado em 05/08/2016

SILVA, Marcos. **Sala de aula interativa**. 3ª ed. Quartet, Rio de Janeiro, 2003.

SMITH, Theodore C. **Fifty-One Competencies for Online Instruction**, The Journal of Educators Online, Volume 2, Number 2, July 2005 Disponível em: < <http://www.thejeo.com/Ted%20Smith%20Final.pdf> > Acesso em: 02/08/2016

SUCUPIRA, Maria Judith, 2007. **Aprendizagem e Tutoria** In: SENAC. Curso de Especialização em Educação a Distância-vol.1 versão 4.0, 2007.

VYGOTSKY, Lev. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martin Fontes, 1994.



Universidade Federal da Bahia

Metodologia do Ensino a Distância

Este módulo, dividido em 3 unidades, objetivou abordar os conceitos as contribuições e os desafios da EAD para a construção do processo ensino-aprendizagem. O primeiro tema explorou contribuição da EAD para a sociedade do conhecimento, evidenciando que este novo paradigma demandou profunda alteração no âmbito educacional advindo da revolução da microeletrônica. O papel da Educação a Distância não é o de desempenhar-se como mais um ferramental educacional, mas como um novo projeto político de Educação, em que a capacidade de nos posicionarmos criticamente é que nos permitirá utilizar os recursos tecnológicos como parte integrante do processo ensino-aprendizagem. Sobre este assunto, tratado na segunda unidade, ressaltamos a base teórica do construtivismo como sendo o alicerce da construção pedagógica da EAD, onde a interatividade, a cooperação e a autonomia são os elementos-chave. Os sujeitos da aprendizagem-estudantes, professores e tutores- deverão desincumbir-se de cada uma destas atitudes como forma de superar os desafios da educação.



PROGRAD
INSTITUTO DE GRADUAÇÃO



Ciências Contábeis
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

